ESPECIAL

PLACAR

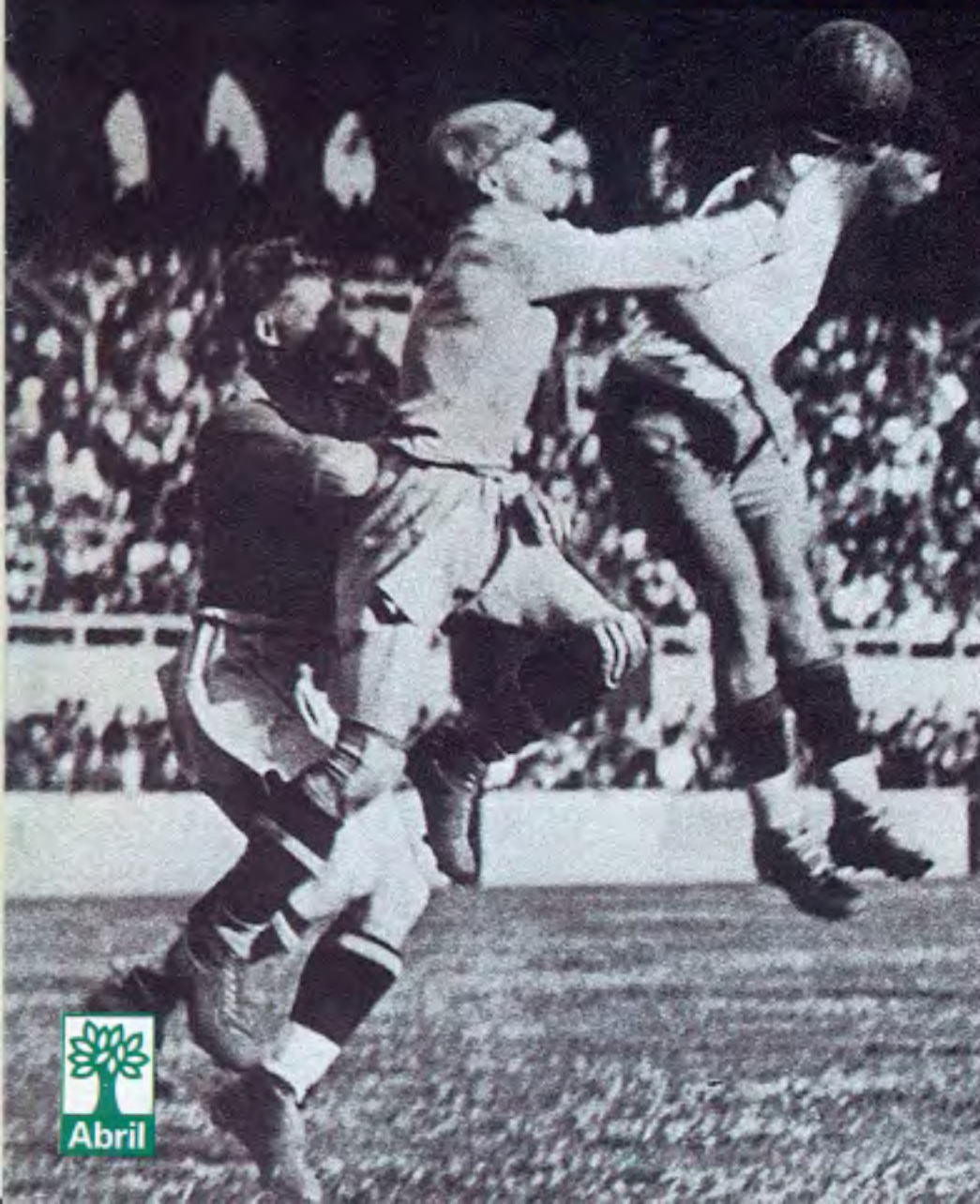
A SAGA DA

Jules Rimet

A HISTÓRIA DAS COPAS DE 1930 A 1970

POR MAX GEHRINGER

Abril

fascículo 3 ◀ 1938 FRANÇA

No centro do mundo

No terceiro fascículo que conta a saga da Jules Rimet, Max Gehringer conta em detalhes a Copa de 1938, realizada na França. Para agradar aos dirigentes franceses da Fifa, que tanto haviam feito para viabilizar a realização do Mundial, os delegados irritaram profundamente nossos vizinhos argentinos – que acreditavam piamente no rodízio de continentes para organizar a grande festa do esporte. Mas tudo bem. Com seu texto divertido e preciso, Max mostra que todos adoraram a possibilidade de conhecer Paris, o centro do mundo. Pela primeira vez, o Brasil montou uma Seleção de verdade para disputar os jogos. E quase chegou lá. Caímos na semifinal, diante dos poderosos italianos, em sua trilha para o bicampeonato. Além disso, você vai ficar sabendo como um novo veículo de comunicação, o rádio, estabeleceu uma verdadeira parceria com o futebol para construir a enorme paixão do brasileiro pela bola. A exemplo do que já ocorrera antes da Copa da Itália, em 1934, havia mais países interessados do que vagas disponíveis. E, novamente, a disputa das eliminatórias foi marcada por regras esdrúxulas e lances engraçados, com algumas equipes se classificando sem sequer entrar em campo. Não há como negar que a organização francesa foi exemplar (quatro meses antes da data prevista para a estréia já havia sido feito o sorteio das partidas), mas houve também uma grande hipocrisia (considerar a Áustria um dos 16 participantes, mesmo sabendo que ela havia sido anexada pela Alemanha). Como em todos os fascículos desta coleção, você encontra nestas páginas o tabelão com os 18 jogos disputados na França, a lista completa da delegação brasileira e o perfil dos 11 campeões – entre eles, alguns privilegiados bicampeões. O pôster oficial, reproduzido acima, é apenas uma das imagens históricas que ilustram as reportagens. Boa leitura e até o mês que vem, com tudo sobre a Copa de 1950, no Brasil.

Max Gehringer

foi executivo de grandes empresas, é colunista de várias revistas e um dos principais conferencistas do país. Mas sua verdadeira paixão é a bola. Dono de uma respeitável biblioteca e videoteca de futebol, ele passou os últimos anos colecionando fatos sobre as Copas. Sua missão é contar de forma bem humorada a história dos Mundiais sem reproduzir erros que se repetem de geração em geração.

Acompanhe os fascículos da saga da Jules Rimet

Fundador: VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa

Presidente Executivo: Maurizio Mauro

Diretor Secretário Editorial e de Relações Institucionais: Sidnei Basile
Vice-Presidente Comercial: Deborah Wright
Diretora de Publicidade Corporativa: Thais Chede Soares B. Barreto

Diretor-Geral: Jairo Mendes Leal
Diretor Superintendente: Paulo Nogueira

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho

Editor Especial: Arnaldo Ribeiro **Editor de Arte:** Crystian Cruz
Editores: Gian Oddi, Maurício Ribeiro de Barros
Coordenação: Silvana Ribeiro **Atendimento ao leitor:** Virgílio Sousa
Colaboraram nesta edição
Texto: Max Gehringer
Edição: Gabriel Pillar Grossi
Edição de Arte: Marcel Votre e Marcio Penna
Edição de Fotografia: Ricardo Corrêa

www.placar.com.br

Dívida

Os delegados franceses apelaram pesado para a emoção e, para agradar a "*monsieur le président*", a Fifa decidiu realizar a Copa de 1938 no país, para tristeza dos argentinos

Jules Rimet discursa para a multidão no estádio: em sua homenagem, a Fifa decidiu realizar a Copa de 1938 em seu país natal, a França

A Alemanha, depois de levar para Berlim os Jogos Olímpicos de 1936, queria também promover a Copa de 1938. Sua única concorrente era a Argentina, que já tinha perdido para o Uruguai a corrida para sediar o Mundial de 1930. Os argentinos estavam convencidos de que um hipotético rodízio entre continentes levaria a disputa de volta para a América do Sul. E, como nenhum outro país sul-americano manifestara interesse em promover o evento, a única opção seria mesmo Buenos Aires. Só dependia da Fifa.

Mas a Fifa não colaborou. Tudo começou ainda em 1934, na Itália, quando Jules Rimet percebeu as vantagens de promover a Copa do Mundo seguinte em Paris, simultaneamente à Exposição Mundial – oficialmente chamada de Exposição Internacional de Arte & Técnicas da Vida Moderna. Na visão de Rimet, o grande afluxo de turistas do mundo inteiro à capital francesa certamente faria com que os estádios ficassem cheios. Além disso, se as partidas fossem incluídas no calendário oficial haveria a possibilidade de a Fifa receber um sólido financiamento do governo francês. Só havia uma questão a resolver: a exposição estava marcada para 1937 e seria necessário antecipar a Copa em um ano. A idéia de Rimet foi bombardeada pelos países-membros da Fifa, mas ficou no ar a sensação geral de que "estamos devendo uma para *monsieur le président*". Afinal, Rimet já tinha 64 anos.

Em 13 de agosto de 1936, durante a Olimpíada de Berlim, a Fifa se reuniu no prédio da Ópera Kroll para decidir a sede da Copa seguinte. Embora a entidade já contasse com 51 países filiados, os votantes eram apenas 23. Lá pelas tantas, a reunião ganhou um clima emocional: o delegado da Fede-

de honra

Os festejados campeões italianos, logo após vencer a Hungria: a taça já está na mão do risonho técnico da Azzurra, Vittorio Pozzo

ração Francesa pediu a palavra e lembrou aos presentes os grandes esforços de dois patrícios – Henri Delaunay e Jules Rimet – para que a Copa do Mundo se tornasse realidade. Assim, como homenagem a eles, nada mais justo do que dar a seu país o direito de sediar o Mundial de 1938. E, com Rimet e Delaunay ali, presentes à reunião, os delegados se sentiram constrangidos em votar contra a proposta gaulesa.

Muitas deserções

Feitas as contas, a França teve a maioria absoluta dos votos, 19. A Argentina recebeu 3 e a Alemanha, 1 (dela própria, posteriormente repassado à França). Em sinal de protesto, os delegados argentinos abandonaram o congresso. E, um ano e meio mais tarde, ainda ofendidos, tomaram a decisão de não participar da disputa nos gramados. Em 1937, três novas deserções de peso: Inglaterra (que continuava teimando em considerar a Copa do Mundo um torneio sem expressão), Espanha (metida numa sangrenta guerra civil) e Uruguai.

Os uruguaios haviam encantado os torcedores franceses nos **Jogos Olímpicos de Paris**, em 1924, e Jules Rimet se

Depois da Olimpíada de 1920, em Antuérpia, a Inglaterra (que já tinha seu futebol totalmente profissionalizado) se desinteressou pelo torneio olímpico. Com isso, novos países começaram a se destacar nos gramados. Em Paris, quatro anos mais tarde, os europeus descobriram que também se jogava, e bem, no Novo Continente. O Uruguai venceu a disputa com uma campanha arrasadora: 7 x 0 na Iugoslávia, 3 x 0 nos Estados Unidos, 5 x 1 na França, 2 x 1 na Holanda e 3 x 0 na final contra a Suíça. Começava a nascer a Celeste Olímpica.

A FRANÇA EM 1938

Paris: a capital mundial da moda, da intelectualidade e das artes era um *frisson*

O auge do *chic*

Para os jogadores do Brasil, ou de qualquer outro país, ir à França disputar uma Copa do Mundo era o máximo do *frisson* em 1938. Paris, que tinha 2,8 milhões de habitantes na época, era a capital mundial da moda, das artes e da intelectualidade. Tudo era *chic*, a começar pela língua: o francês, idioma do mundo culto. A França moderna começou a ganhar projeção no século 15, mas sua história teve início há 2 000 anos, quando um povo de origem celta estabeleceu, no centro da Europa, uma colônia chamada Gaul. É por essa razão que até hoje os franceses são conhecidos também como gauleses – embora o gaulês mais famoso da atualidade seja um personagem de história em quadrinhos, Asterix. Os romanos latinizaram o nome da região para Gália e dessa palavra surgiriam outras duas: galo e galinha. O galo, ave da região, se tornou um dos símbolos nacionais da França, razão pela qual a Seleção Francesa tem um deles desenhado em sua camisa. No século 5, uma tribo de bárbaros germânicos, os francos, conquistou a região da Gália, dando origem ao nome latino Francia, a terra dos francos.

Os uruguaios não foram à França alegando não ter perdoado os europeus pelo boicote imposto à Copa de 1930

empenhou pessoalmente para convencer os dirigentes do país a retornar aos gramados da França. Mas recebeu uma recusa pouco diplomática e nada convincente: os uruguaios ainda não haviam perdoado os europeus pelo boicote à Copa de 1930. Muito provavelmente, porém, o que mais influiu na decisão foi a má campanha do Uruguai no Campeonato Sul-Americano de 1937 – quando, com duas vitórias e três derrotas, terminou num mísero quarto lugar, atrás de Argentina, Brasil e Paraguai. Receosos em arriscar a perda do prestígio mundial conseguido na década anterior, os cartolas preferiram ficar em casa e acompanhar a Copa de 1938 pelos jornais.

A Europa CONTRA O resto

França, anfitriã, e Itália, campeã, estavam garantidas no Mundial. E outros 11 países europeus se classificaram para a Copa, que teve apenas três "intrusos" de fora do continente

No total, 33 países das Américas, da Ásia e da Europa se inscreveram para disputar as eliminatórias da Copa do Mundo de 1938, mas (como já havia acontecido em 1930 e em 1934) alguns desistiram antes mesmo do sorteio dos grupos. Finalmente, 24 nações se declararam prontas para calçar as chuteiras e entrar em campo para disputar as 14 vagas disponíveis (Itália, campeã, e França, anfitriã, já estavam garantidas). E, mesmo assim, quatro se classificaram sem disputar um confronto sequer. A Suécia, que havia aberto as eliminatórias de 1934, foi também a primeira a jogar nas eliminatórias de 1938 – pegou a Finlândia, em Estocolmo, em 16 de junho de 1937. O último embate teve lugar em Milão, no dia 1º de maio de 1938, entre Suíça e Portugal. Naqueles dez meses e meio, foram relizadas 22 partidas e marcados 96 gols, média superior a 4,3 por jogo.

GRUPO 1 – *ALEMANHA, SUÉCIA, FINLÂNDIA e ESTÔNIA*

SUÉCIA 4 x 0 FINLÂNDIA
ESTOCOLMO, 16 DE JUNHO DE 1937

SUÉCIA 7 x 2 ESTÔNIA
ESTOCOLMO, 20 DE JUNHO DE 1937

FINLÂNDIA 0 x 2 ALEMANHA
HELSINQUE, 29 DE JUNHO DE 1937

FINLÂNDIA 0 x 1 ESTÔNIA
TURKU, 19 DE AGOSTO DE 1937

ALEMANHA 4 x 1 ESTÔNIA
KONINGSBERG, 29 DE AGOSTO DE 1937

ALEMANHA 5 x 0 SUÉCIA
HAMBURGO, 21 DE NOVEMBRO DE 1937

Como o grupo dava direito a duas vagas, Alemanha e Suécia, cada uma com duas vitórias e nenhuma derrota, já estavam classificadas quando se enfrentaram em Hamburgo. Os suecos foram com o time reserva e acabaram goleados. Os alemães, que haviam dado vexame na Olimpíada de 1936 (jogando em casa, perderam na primeira rodada, para a Noruega, por 2 x 0), mudaram tudo, a começar pelo técnico: assumiu Sepp Herberger, que se tornaria campeão mundial em 1954.

GRUPO 2 – *NORUEGA e REPÚBLICA DA IRLANDA*

NORUEGA 3 x 2 REPÚBLICA DA IRLANDA
OSLO, 10 DE OUTUBRO DE 1937

REPÚBLICA DA IRLANDA 3 x 3 NORUEGA
DUBLIN, 7 DE NOVEMBRO DE 1937

Mesmo com uma equipe forte, a Noruega sofreu para eliminar a República da Irlanda. No jogo disputado em Dublin, os noruegueses venciam por 3 x 1, mas permitiram o empate e levaram um sufoco. Nessa partida, pela primeira vez numa competição da Fifa os dois times usaram camisas numeradas. A numeração permitia aos torcedores e à imprensa o reconhecimento imediato dos jogadores, mas, apesar da óbvia vantagem visual, ela não foi utilizada na Copa de 1938.

GRUPO 3 – *POLÔNIA e IUGOSLÁVIA*

POLÔNIA 4 x 0 IUGOSLÁVIA
VARSÓVIA, 10 DE OUTUBRO DE 1937

IUGOSLÁVIA 1 x 0 POLÔNIA
BELGRADO, 3 DE ABRIL DE 1938

Poloneses e iugoslavos decidiram que fariam dois jogos e, em caso de empate, a decisão seria no saldo de gols. A Polônia abriu uma confortável vantagem de 4 gols em Varsóvia, auxiliada por uma péssima atuação do goleiro iugoslavo Franjo Glazer, que engoliu dois frangos. Daí, foi só segurar o ímpeto da Iugoslávia na segunda partida, em Belgrado. Dos 11 poloneses que atuaram nesse dia, 10 enfrentaram o Brasil dois meses depois. O único ausente foi o centroavante Jerzy Wostal, do AKS Chorzów, artilheiro do Campeonato Polonês de 1937, que nem viajou para a França porque se machucou.

GRUPO 4 – *ROMÊNIA e EGITO*

O Egito era, em 1937, uma das duas únicas nações filiadas à Fifa no continente africano (a outra era a Palestina). Para não criar um grupo africano – e qualificar um país sem expressão para a Copa –, a Fifa decidiu que egípcios e palestinos disputariam vagas contra equipes européias. A Palestina entrou no grupo 6, enfrentando Grécia e Hungria. E, no 4, o Egito pegou a Romênia. Os dois jogos estavam programados para fevereiro de 1938, mas em novembro de 1937 o país comunicou sua desistência à Fifa. E os romenos se classificaram sem sequer precisar jogar.

GRUPO 5 – *SUÍÇA e PORTUGAL*

SUÍÇA 2 x 1 PORTUGAL
MILÃO, 1º DE MAIO DE 1938

A decisão foi feita em jogo único em campo neutro: o estádio San Siro, em Milão. Portugal tinha um ligeiro favoritismo, pois deixara ótima impressão uma semana antes ao empatar com a Alemanha (1 x 1) em Frankfurt. Mas na disputa pela vaga a Suíça deu a sorte de marcar 2 gols em 5 minutos, aos 23 e 28 do primeiro tempo. Portugal tentou reagir, fez 1 gol, mas a Suíça se fechou na defesa e manteve os 2 x 1 até o fim. Nas tribunas de honra, foi impossível deixar de notar a ilustre presença dos ditadores Benito Mussolini e Adolf Hitler, que pareciam inseparáveis naqueles tempos pré-guerra.

GRUPO 6 – *GRÉCIA, PALESTINA e HUNGRIA*

PALESTINA 1 x 3 GRÉCIA
TEL-AVIV, 22 DE JANEIRO DE 1938

GRÉCIA 1 x 0 PALESTINA
ATENAS, 20 DE FEVEREIRO DE 1938

HUNGRIA 11 x 1 GRÉCIA
BUDAPESTE, 25 DE MARÇO DE 1938

Pelo regulamento do grupo, Grécia e Palestina decidiriam, entre si, quem enfrentaria a Hungria pela única vaga. Os gregos tiveram de encarar a Hungria num único e decisivo jogo, em Budapeste. E foi uma surra histórica: 11 x 1, com o primeiro tempo terminando em 7 x 1. O centroavante húngaro Gyula Zsengellér, que atuava pelo Ujpest, marcou 5 gols. O resultado reforçou os prognósticos de que a Hungria era uma das favoritas para vencer a Copa na França.

GRUPO 7 – *TCHECOSLOVÁQUIA e BULGÁRIA*

TCHECOSLOVÁQUIA 6 x 0 BULGÁRIA
PRAGA, 24 DE ABRIL DE 1938

Vice-campeã mundial em 1934, a Tchecoslováquia havia renovado sua Seleção, mas sem perder os dois maiores astros: o goleiro Planicka e o artilheiro da Copa da Itália, Nejedly. No primeiro jogo, em Sófia, os tchecos venciam por 1 x 0 até os 44 minutos do segundo tempo, quando os búlgaros conseguiram o empate, de pênalti. Mas, no segundo jogo, em Praga, a Tchecoslováquia atropelou: 2 gols de Nejedly e 3 da revelação Simunek, atacante do Slavia de Bratislava.

COPA "DO MUNDO"?

GRUPO 8 – *LETÔNIA, LITUÂNIA e ÁUSTRIA*

LETÔNIA 4 x 2 LITUÂNIA
RIGA, 20 DE JULHO DE 1937
LITUÂNIA 1 x 5 LETÔNIA
KAUNAS, 3 DE SETEMBRO DE 1937
ÁUSTRIA 2 x 1 LETÔNIA
VIENA, 5 DE OUTUBRO DE 1937

Tal qual ocorrera com a Hungria, a Áustria entrou com enorme vantagem: a possibilidade de fazer uma única partida, em casa, contra o vencedor do confronto entre Letônia e Lituânia. Só que os letões quase complicam a vida dos austríacos em Viena. Imaginando que seria apenas um treino, a Áustria colocou em campo uma Seleção "experimental" – eufemismo para reserva. Após tomar 1 gol logo aos 6 minutos, o time da casa conseguiu virar ainda no primeiro tempo, mas passou o resto do jogo sendo sufocado pela modesta e entusiasmada Letônia.

Para os austríacos, porém, o pior estava por vir. Em 11 de março de 1938 (três meses antes do início da Copa), os tanques de Adolf Hitler invadiram Viena. Recebido pelo povo com aplausos, Hitler (que era austríaco de nascimento) decretou o *Anschluss* – a anexação do país à Alemanha. Só Inglaterra e França condenaram a invasão. Imediatamente, a Federação de Futebol Alemã comunicou à Fifa que a Áustria havia "deixado de existir como país" e os principais jogadores iriam ao Mundial pela nova pátria. Apanhada de surpresa – e levemente amedrontada com o expansionismo territorial teutônico –, a Fifa reagiu sem nenhum rigor. Convidou a Inglaterra para substituir a Áustria e ouviu mais um "não" dos ingleses. A Letônia solicitou sua inclusão no Mundial, invocando a condição de vice-campeã do grupo 8. Parecia um pretensão lógica, mas a Fifa negou o pedido. Assim, a Copa teve 15 países em vez de 16.

GRUPO 9 – *BÉLGICA, HOLANDA e LUXEMBURGO*

HOLANDA 4 x 0 LUXEMBURGO
ROTERDÃ, 28 DE NOVEMBRO DE 1937
LUXEMBURGO 2 x 3 BÉLGICA
LUXEMBURGO, 13 DE MARÇO DE 1938
BÉLGICA 1 x 1 HOLANDA
ANTUÉRPIA, 3 DE ABRIL DE 1938

Com a desistência de quase todos os países do continente americano, a Fifa abriu mais uma vaga para a Europa. Assim, o grupo 9 virou uma baba: para ir à Copa, Holanda e Bélgica só precisaram ganhar de Luxemburgo. Um pequeno grão-ducado de 400 000 habitantes encravado entre França, Bélgica e Alemanha, Luxemburgo é um saco de pancadas. Mas em 1938 até que não fez feio: em casa, perdeu só de 3 x 2 para os belgas. E ainda conseguiu a proeza de deixar a torcida estupefata: fez 1 x 0 aos 4 minutos, sofreu o empate, foi para o ataque e marcou o segundo gol aos 33 minutos, virando o primeiro tempo com 2 x 1. Até então, eram os melhores 45 minutos da história do futebol local. Na etapa final, a Bélgica conseguiu a esperada virada, mas os jogadores saíram de campo como heróis. Bélgica e Holanda disputaram entre si o jogo previsto na tabela, mas como as duas já estavam classificadas, o que deveria ser uma grande decisão virou um simples amistoso. O confronto só ganhou alguma notoriedade porque 10 000 ingressos falsos foram vendidos, provocando grandes tumultos. O fato gerou um escândalo nacional (foi a primeira vez que algo do gênero aconteceu na Europa) que envolveu até o Parlamento.

GRUPO 10 – *AMÉRICA DO SUL*

Havia um grande interesse dos países da Europa em participar da fase final da Copa. E a Fifa sabia que cada vaga concedida a outro continente representaria um europeu a menos. Então, para tentar conciliar todos os interesses, a Fifa inventou. Quatro países das Américas iriam à França, mas só um – o campeão das eliminatórias sul-americanas – entraria direto entre os 16 finalistas. Os outros três teriam de disputar jogos de pré-qualificação em campos franceses. Assim, o campeão da zona norte-americana decidiria uma vaga contra o vencedor do grupo asiático. E o campeão da zona centro-americana jogaria contra o segundo colocado da América do Sul.

Um ano antes da Copa, o Uruguai já havia desistido de participar. E, aos poucos, os demais sul-americanos também foram comunicando à Fifa que não pretendiam disputar as eliminatórias. Apenas dois mandaram suas fichas de inscrição no prazo previsto: Brasil e Colômbia. Mas os dirigentes da Fifa, que devem ter faltado às aulas de geografia na escola, decidiram que a Colômbia disputaria o grupo 11, junto com os países das Américas Central e do Norte. Outras duas federações (de Bolívia e Argentina) solicitaram à Fifa uma prorrogação da data de inscrição. O pleito foi aceito, mas uma semana antes do novo prazo se esgotar os bolivianos desistiram de vez.

Restavam apenas Brasil e Argentina, mas os argentinos não se decidiam sobre a forma de disputa da vaga. Até que, em 5 de abril de 1938, dia do sorteio dos grupos para a fase final, na França, a Fifa considerou que o Brasil estava classificado. E determinou que a Argentina teria de disputar um jogo de pré-qualificação contra Cuba, vencedora da zona centro-americana. A Argentina deu a impressão de concordar, tanto que o jogo constou na tabela oficial da Copa: estava marcado para 31 de maio, em Paris. Finalmente, em 10 de abril, os argentinos enviaram um telegrama à Fifa comunicando que estavam mesmo fora da Copa. O motivo alegado foi "solidariedade ao Uruguai pelo boicote dos europeus à Copa de 1930", decisão que provocou ferozes manifestações de descontentamento nas ruas da capital, Buenos Aires.

GRUPO 11 – *AMÉRICAS DO NORTE E CENTRAL*

Pelas regras definidas pela Fifa, dois países da América do Norte (Estados Unidos e México) disputariam entre si para ver quem enfrentaria o campeão asiático no jogo de pré-classificação. A Colômbia e outros quatro países da América Central (Cuba, Costa Rica, El Salvador e Suriname) jogariam um minitorneio para decidir quem pegaria a Argentina. Mas, um a um, todos os países foram desistindo, inclusive o México, grande favorito. Estranhamente, quase todos os jogos eliminatórios programados pela Fifa foram de fato disputados, em fevereiro de 1938, mas com o nome de Copa América y Caribe. Os Estados Unidos não participaram, porque estavam descrentes de suas chances: no ano anterior, haviam levado três lavadas seguidas dos mexicanos, sofrendo 19 gols e marcando apenas 6. O México venceu o minitorneio, com 4 vitórias e 1 empate, mas nem assim se animou a ir à Copa da França. Só então a Fifa descobriu, surpresa, que apenas um país centro-americano havia enviado regularmente sua ficha de inscrição: Cuba. Como a Argentina também desistiu de fazer a partida pré-classificatória, a Fifa finalmente se resignou e aceitou a inesperada classificação dos cubanos. Mas os Estados Unidos ainda mereceram outra chance: um convite especial para disputar uma vaga contra o vencedor do grupo 12, que reunia as nações asiáticas.

GRUPO 12 – *JAPÃO e ÍNDIAS OCIDENTAIS HOLANDESAS*

Os japoneses teriam pela frente um adversário impossível de não ser vencido, as Índias Ocidentais Holandesas (atual Indonésia). Mas o Japão desistiu da disputa. Compreensivelmente, aliás. Em fevereiro de 1937, o país havia se envolvido numa guerra com a China (e logo embarcaria também na Segunda Guerra Mundial, o que levou ao cancelamento da Olimpíada de 1940, marcada para Tóquio). Assim, a Fifa ficou com um mico: as insignificantes – futebolisticamente falando – Índias Ocidentais Holandesas estavam classificadas. A Fifa propôs que os Estados Unidos viajassem à França para disputar a vaga com as Índias Ocidentais Holandesas. Os americanos aceitaram a oferta e o jogo constou no calendário oficial da Copa (no dia 31 de maio). Mas, um mês antes, os dirigentes desistiram e os asiáticos se garantiram no Mundial sem sequer ter entrado em campo.

Se o nome Índias Ocidentais Holandesas soa familiar, a culpa é das aulas de história do Brasil. A Companhia das Índias Ocidentais foi a primeira empresa multinacional – e invadiu a capitania de Pernambuco em 1630 para conseguir o monopólio do comércio mundial de açúcar. O conde holandês Maurício de Nassau foi o governador local, de 1637 a 1644. Dez anos depois, os holandeses foram, por assim dizer, expulsos pelos portugueses. Na verdade, receberam uma indenização para ir embora, mas boa parte deles decidiu ficar. A esse domínio holandês (no século 17) se deve, entre outras coisas, o surgimento dos galeguinhos, os loirinhos de olhos claros de Pernambuco, e a transformação de um sobrenome tipicamente europeu – van der Ley – em um prenome comum no Brasil.

16 vagas para 15 países

Assim, apesar dos percalços durante as eliminatórias, 14 países estavam qualificados para se juntar à França, país-sede, e à Itália, então campeã, e formar o grupo de 16 que disputaria a Copa de 1938. É verdade que todos sabiam que a Áustria não ia competir. Mas a Fifa se fingiu de morta e manteve o país na tabela da fase final. De qualquer forma, pela terceira vez seguida estava meio difícil chamar a Copa de "do Mundo". Se em 1930 ela foi basicamente uma disputa sul-americana, em 1934 e 1938 foram campeonatos europeus com dois ou três penetras de outros continentes. Mas o Brasil estava lá. E isso é o que importa.

- Alemanha
- Áustria
- Bélgica
- Brasil
- Cuba
- França
- Holanda
- Hungria
- Índias Ocidentais Holandesas
- Itália
- Noruega
- Polônia
- Romênia
- Suécia
- Suíça
- Tchecoslováquia

FORÇA máxima

Depois das frustrações de 1930 (por causa do bairrismo de paulistas e cariocas) e 1934 (culpa do tal de profissionalismo), finalmente a Seleção Brasileira pôde contar com todos os melhores jogadores e ainda teve tempo para se preparar

Patesko, Perácio, Procópio, Affonsinho, Domingos, Jaú, Roberto, Brandão, Walter, o técnico Ademar Pimenta (de jaqueta), Batatais, Britto, Argemiro, Tim, Romeu, Martim e Everaldo Lopes: pela primeira vez na história a Seleção Brasileira teve condições de se preparar adequadamente para uma Copa do Mundo

Em 10 de novembro de 1937 o gaúcho Getúlio Dornelles Vargas deixou de ser "o presidente" para se tornar "o ditador". Como líder máximo da revolução civil de 1930 ele primeiro assumiu a chefia do chamado governo provisório. Em 1934 foi eleito presidente por via indireta, pela Assembléia Constituinte. Eleições normais estavam marcadas para 1937, mas Getúlio, alegando a existência de um suposto plano comunista para tomar o poder no país, pediu ao Congresso para decretar um estado de guerra. Prontamente atendido pelos parlamentares, implantou o Estado Novo, que tornava vitalícia sua função de chefe de Estado. Para a Seleção Brasileira, isso não foi de todo mau. Na verdade, passou a significar mais apoio do poder público, pois Vargas sabia que uma boa participação na Copa de 1938 deixaria o povo feliz. E povos felizes não derrubam ditaduras.

Após a Copa de 1934 (e alguns amistosos inúteis disputados no segundo semestre daquele ano contra times europeus e combinados regionais brasileiros) a Seleção entrou em recesso por dois anos. Depois, entre dezembro de 1936 e fevereiro de 1937, disputou o Campeonato Sul-Americano em Buenos Aires e terminou em segundo lugar. A decisão, num jogo extra contra a Argentina, foi um tumulto: os jogadores brasileiros, após serem agredidos pela torcida, decidiram abandonar o campo, mas encontraram a porta do vestiário trancada e foram obrigados a retornar para a "arena de batalha". Na prorrogação os donos da casa conseguiram fazer 2 gols e puderam comemorar a conquista do título. Por causa das desavenças entre a Confederação Brasileira de Desportos e a Liga Carioca de Futebol, os melhores times do Rio de Janeiro (Fluminense, Flamengo e Vasco) não cederam jogadores para o torneio. O Brasil foi representado por um combinado de Corinthians, Palestra Itália, Botafogo e São Cristóvão. O técnico da Seleção era Ademar Pimenta, do pequeno Madureira. Mas depois daquela final, em 1º de fevereiro de 1937, veio outro longo período de jejum e a equipe só entrou num gramado para disputar a primeira partida da Copa do Mundo de 1938, quase um ano e meio mais tarde.

Em 1937, depois de quase quatro anos de disputa de poder, a Confederação Brasileira de Desportos, presidida por Luiz Aranha, voltou a assumir o comando do futebol no país, ao reconhecer o regime profissional e absorver a então dissidente Federação Brasileira de Futebol. O presidente da FBF, José Maria Castello Branco, se tornou dirigente da confederação e foi nomeado responsável pela Seleção que disputaria a Copa da França. Depois de duas frustrações – em 1930 o Brasil tinha sido representado por um combinado carioca e em 1934 o profissio-

O BRASIL EM 1938

Nasce a indústria

» O Brasil já tinha 44,1 milhões de habitantes. Minas Gerais era o estado mais populoso (8 milhões) e o Rio de Janeiro, capital federal, a maior cidade do país (1,8 milhão). O café continuava a ser nosso principal produto (45% da receita de exportação em 1938), mas o país começava a pensar em se industrializar. Principalmente o estado de São Paulo, que contava com 16% da população e 29% das fábricas. Pelas precárias estradas nacionais rodavam 107 000 automóveis.

» O escritor alagoano Graciliano Ramos, aos 46 anos, lançou o livro *Vidas Secas*, revelando para o Sul e o Sudeste do Brasil a dura e cruel realidade da vida no sertão nordestino, uma região na qual nada nascia, nada crescia e nada se transformava.

» Em 28 de julho, na fazenda de Angico, em Sergipe, **Lampião**, Maria Bonita e mais nove cangaceiros foram emboscados e assassinados. Era o fim do ciclo do cangaço, iniciado em 1922. Durante 16 anos, o pernambucano Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, iludiu a polícia de seis estados – Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Rio Grande do Norte, Paraíba e Bahia –, e virou uma espécie de Robin Hood da caatinga.

» Em agosto, surgiu o primeiro programa de auditório do rádio brasileiro: *Caixa de Perguntas*, apresentado por Almirante (Henrique Foréis Domingues) na rádio Nacional do Rio de Janeiro. Mais tarde, Almirante promoveria um concurso para dar uma letra em português à canção inglesa "Happy Birthday To You" (que, até então, era cantada nos aniversários em inglês mesmo).

» A vencedora foi Bertha Celeste Homem de Mello, professora de Pindamonhangaba, no interior de São Paulo, com a célebre quadrinha "Parabéns a Você / Nesta data querida / Muita felicidade / Muitos anos de vida".

» As histórias em quadrinhos ganham uma revista famosa, o gibi – que se tornaria um nome genérico para publicações infanto-juvenis. Através do gibi, os leitores conheceram o primeiro super-herói, o Superman, criado por Jerry Siegel e Joe Shuster e lançado em 1938 nos Estados Unidos. Os editores do gibi resolveram nacionalizar o nome do principal personagem, transformando Clark Kent, o repórter do *Planeta Diário*, em Eduardo Kent. Mas os leitores não gostaram e Eduardo voltou a ser Clark.

» As três músicas mais executadas no rádio em 1938 foram "As Pastorinhas", com Silvio Caldas; "Camisa Listrada", com **Carmen Miranda**; e "Se Acaso Você Chegasse", com Cyro Monteiro. O compositor carioca Noel Rosa, mesmo tendo morrido no ano anterior (em 4 de maio de 1937, aos 27 anos, vítima de tuberculose), teve quatro de suas músicas na lista das 20 mais tocadas no ano da Copa da França.

O técnico Ademar Pimenta, bem intencionado mas não muito firme, era vítima fácil das pressões para escalar este ou aquele jogador

nalismo impediu que muitos craques fossem convocados para o Mundial –, a Seleção teria finalmente sua força máxima. Além disso, o Brasil acabou sendo o único representante da América do Sul. Não menos importante, um momentâneo período de calmaria estava reinando nas sempre conturbadas relações entre os dirigentes do Rio e de São Paulo.

Enfim, a Seleção completa

Satisfeita com o trabalho de Ademar Pimenta no Sul-Americano de 1937, a CBD o manteve como técnico. Bem intencionado, porém não muito firme nas decisões, ele era vítima fácil das pressões clubísticas para a escalação deste ou daquele jogador (já que apenas dois eram unanimidades e tinham escalação garantida: Leônidas da Silva e Domingos da Guia, ambos do Flamengo). Em março de 1938 Pimenta relacionou uma pequena legião de atletas – 34 – para os treinamentos iniciais. Mas seis foram reprovados na avaliação médica. Entre eles, o flamenguista Fausto, destaque brasileiro na Copa de 1930. Excluído da Seleção, o centromédio ainda disputou o Campeonato Carioca de 1938, mas morreu no ano seguinte, vítima de tuberculose.

Mesmo com a profusão de convocados, Pimenta deixou muita gente descontente. Ele despertou a ira da torcida do Flamengo por não chamar Waldemar de Britto, uma das estrelas brasileiras do Mundial de 1934, na Itália. Já os botafoguenses reclamaram da ausência de Carvalho Leite, então com 26 anos e com a experiência de ter estado nas duas Copas anteriores. O Fluminense exigia a inclusão do zagueiro Santa Maria. E até o São Cristóvão – na época, ainda São Christovam, e um time grande – chiou pela falta do goleiro Oswaldo entre os selecionados.

Eram esperadas também reações ácidas dos paulistas, já que dos 34 convocados apenas 5 eram de clubes de São Paulo. Mas desta vez as trombetas da Paulicéia ficaram mudas. Nos dois anos anteriores os melhores jogadores do futebol paulista (entre eles Batatais, Jaú, Machado, Britto, Tim, Romeu e Hércules, todos convocados por Pimenta) tinham se transferido para o Rio, onde os salários eram muito melhores. Tanto é assim que o Campeonato Paulista de 1937, vencido pelo Corinthians, despertou pouco interesse dos torcedores exatamente pela falta de craques.

Domingos da Guia e uma típica boina francesa: ele era um dos dois intocáveis

Tempo sim, paz nem tanto

Era consenso geral entre os dirigentes que a Seleção deveria ter o que não teve nas duas Copas anteriores: tempo e paz para se preparar. Após 12 dias de treinamentos no Rio, o treinador propôs – e a CBD aceitou – que os 28 selecionados passassem duas semanas na estação de águas de Caxambu. Mas se houve tempo suficiente, o mesmo não se pode dizer em relação ao quesito paz. Nem bem tinham descido do ônibus na pequena cidade mineira os atletas foram saudados por uma banda de música e tiveram de ouvir longos discursos do prefeito, Fábio Vieira Marques, e de outras autoridades locais. Em seguida, toda a delegação foi convidada a visitar os pontos turísticos. Não eram muitos, é verdade, mas em cada parada havia uma comissão – de vereadores, comerciantes ou especialistas nos poderes de cura das águas medicinais – querendo confabular com os nossos craques. Assim, o treino leve programado para o primeiro dia precisou ser cancelado, por falta de tempo.

Mas isso foi fichinha. Os hotéis Glória e Lopes, que hospedaram a Seleção, eram também cassinos – em 1938, a jogatina era uma atividade legal no Brasil – e a concentração logo se encheu de dirigentes de clubes. Alguns foram só apostar, mas a maioria aproveitou para dar palpites nos treinos e nas escalações. Acuado, Ademar Pimenta montou dois times – o azul e o branco. E, para escapar das pressões dos que foram xeretar os treinamentos, jamais revelou oficialmente qual dos dois era o titular. É claro que qualquer torcedor sabia que o time principal seria aquele em que Domingos da Guia e Leônidas fossem escalados. Só que os dois só chegaram a Caxambu na semana seguinte – haviam ficado no Rio por "questões particulares". Leia-se dinheiro.

Extremamente profissionais

Evidentemente, o profissionalismo – implantado no Brasil cinco anos antes, em 1933 – dava aos jogadores o pleno direito de pleitear salários e prêmios. Mas a CBD tinha outras idéias. No dia 5 de abril o dirigente Castello Branco publicou os imponentes "Dez Mandamentos dos Jogadores do Selecionado Brasileiro". O décimo mandamento dizia: "Nenhum elemento poderá discutir o ordenado padrão estabelecido pela CBD". E o nono estabelecia a mesma coisa em relação às gratificações por vitórias na Copa. O problema era o "ordenado padrão" da CBD: 1 conto de réis, menos do que a maioria dos jogadores ganhava nos clubes.

Então, em carta à confederação, os convocados solicitaram – para que pudessem competir dignamente, é claro – a seguinte lista de favores:

1) Diárias de 25 000 réis, que deveriam ser pagas do dia do embarque até o dia do retorno;

2) Ajuda de custo de 1,5 conto de réis por jogador;

3) Ordenado mensal mínimo de 1,5 conto de réis;

4) Gratificação de 500 000 réis por vitória e 250 000 réis por empate. Essa gratificação já tinha, na época, o apelido que conserva até hoje: **bicho**.

Todos os jogadores assinaram a petição por salários e prêmios, que parecia bastante justa. Mas a reação da CBD foi péssima. Castello Branco, o pai dos Dez Mandamentos, criticou publicamente a reivindicação, mesmo antes de conversar com os convocados. E o presidente do Botafogo, Sérgio Darcy, visivelmente indignado, ordenou que seus atletas retirassem as assinaturas do documento – ainda ameaçou multá-los em 1 conto de réis se não o fizessem.

Leônidas da Silva e Domingos da Guia, os dois craques mais bem pagos do Brasil na época, estavam na Bahia disputando amistosos pelo Flamengo. No dia 5 de abril, ao voltar

O jogo do bicho, inventado pelo Barão de Drummond *(foto)* em 1892 com o objetivo de angariar fundos para o primeiro zoológico do Rio de Janeiro, em Vila Isabel, nunca mais deixou de ser mania entre os cariocas. E os jogadores de futebol passaram a classificar as gratificações que recebiam após os jogos segundo a tabela bicheira: de um coelho (10 000 réis) a uma vaca (100 000 réis). Até que todos os prêmios foram consolidados sob um só nome: o bicho.

Pressão: políticos e cartolas invadiram os hotéis para ficar perto do "scratch" em Caxambu

para o Rio de Janeiro, de onde seguiriam para Caxambu, ambos ficaram sabendo das novidades. E decidiram dar um tempo na cidade até que a situação financeira se resolvesse. Embora nunca tenham dito isso em público, o argumento dos dois era simples: sem um bom acordo, não iriam nem para Caxambu – e muito menos para a França.

Depois de uma semana tudo finalmente se resolveu de forma pacífica: a CBD declarou que seu departamento financeiro "pensara longamente no assunto" e que os jogadores teriam seus salários integrais pagos pela confederação enquanto estivessem a serviço da Seleção Brasileira. As gratificações foram fixadas em 800 francos franceses por vitória e 400 por empate, mais ou menos o equivalente ao que os atletas haviam solicitado em mil-réis, moeda que (obviamente) não tinha valor na França. No dia 10 de abril Leônidas e Domingos aceitaram a proposta e a Seleção pôde pela primeira vez treinar inteira em Caxambu.

"Leves" e "pesados"

O único incidente durante o período de treinos na estação de águas mineira foi uma luxação na clavícula sofrida pelo goleiro Walter, do Flamengo, no dia 18 de abril. Walter retornou ao Rio de Janeiro para consultar um especialista e os prognósticos eram de que ele precisaria mesmo ser cortado. Mas 12 dias depois, no embarque para a Europa, Walter se apresentou, foi dado como apto e viajou. No retorno de Minas Gerais para o Rio Ademar Pimenta anunciou a dispensa dos seis últimos jogadores (Dominguinhos, Thadeu, Cerni, Marreta, Plácido e Caxambu).

Antes, o técnico havia feito algumas inovações durante os treinamentos: montou duas defesas, uma "leve" e outra "pesada", e fez a mesma coisa com o ataque. A cada dia misturava defensores e atacantes. Quando a temporada em Caxambu se encerrou, jornalistas e dirigentes estavam absolutamente confusos. Em sua última entrevista antes de deixar o Brasil Ademar Pimenta foi questionado pela revista carioca *Sport Ilustrado*: "O ataque que atuará na França será o leve ou o pesado?". Pimenta foi rápido – ou, como francesamente se dizia na época, *tranchant* – e esclareceu sem esclarecer: "Ou um ou outro, ou uma mescla dos dois". Apesar de tantos despistes, a Seleção de 1938 contava, ao contrário das anteriores, com a confiança do torcedor. Pela primeira vez acreditava-se mesmo, e sem patriotadas, que o Brasil poderia voltar da França campeão do mundo.

A Campanha do Selo

Em 1934 o ditador Benito Mussolini havia convidado o povo italiano a contribuir financeiramente para o sucesso da Azzurra e o exemplo foi seguido no Brasil em 1938, quando a CBD lançou a Campanha do Selo. Foram emitidos 100 000 selos com a frase "Ajudar o Scratch é dever de todo brasileiro". Cada um era vendido a 500 réis, o que resultou numa arrecadação total de 50 contos de réis para as despesas da Seleção na França. Ao comprar um selo o torcedor se tornava um "patriótico investidor" e podia considerar-se – segundo apregoava a campanha – "parte da delegação".

Até o poder público se engajou nos preparativos. Numa jogada política da CBD, Alzira Vargas, filha do ditador Getúlio Vargas, foi nomeada madrinha da Seleção. O embaixador do Brasil em Paris, Souza Dantas, se auto-intitulou o torcedor número 1 assim que a delegação desembarcou em Marselha. E até o grande diplomata baiano Ruy Barbosa, que prestava serviços à embaixada verde-amarela na capital francesa, anunciou que colocaria sua famosa habilidade oratória a serviço da equipe, se requisitado fosse.

Seguindo o exemplo de Mussolini, quatro anos antes, os dirigentes brasileiros fizeram os torcedores virarem "patrióticos investidores"

A madrinha da Seleção: Alzira Vargas, filha de Getúlio, também entrou em cena

Parte dos convocados para o Mundial de 1938 posa para a posteridade: na França, até um cozinheiro brasileiro foi contratado para preparar arroz com feijão

Num sábado, 30 de abril de 1938, a Seleção Brasileira embarcou no Rio no navio britânico Arlanza. Apesar da chuva forte que caía, uma pequena multidão ("Electrizada de Enthusiasmo", segundo o jornal carioca *Gazeta de Notícias*) foi à Praça Mauá se despedir dos craques nacionais. Dois dias depois, na primeira escala da viagem, em Salvador, todos fizeram um treino no Campo da Graça e a torcida presente bateu o recorde de público em jogos na cidade ("Um Espectaculo de Gala!", reportou a *Gazeta de Notícias*, especialista em títulos bombásticos). No reembarque, um torcedor mais exaltado arrancou a gravata de Tim para guardá-la como recordação daquele dia tão importante.

Na segunda parada, no Recife, não houve treino, mas a simples presença dos convocados atraiu ao porto milhares de pernambucanos. De lá, o Arlanza cruzou o Atlântico, fazendo uma escala técnica em Dacar, na África, antes de ancorar em Marselha em 15 de maio – 20 dias antes da estréia na Copa. Comparado com o que ocorrera em 1930 (a chegada a Montevidéu foi nove dias antes do primeiro jogo no Mundial) e em 1934 (o desembarque em Gênova ocorreu apenas quatro dias antes da partida contra a Espanha), o time de 1938 teve uma eternidade para se preparar.

Seresta a bordo: os craques brasileiros curtem a viagem até a Europa no navio Arlanza

Tempero nacional

Mas a verdade é que, além dos cinco integrantes oficiais da comissão técnica, o Arlanza zarpou repleto de dirigentes de clubes cariocas e de convidados da CBD, além de dezenas de jornalistas. Quem pagou as passagens? Até hoje ninguém sabe ao certo. Sem muito lugar para se esconder, o técnico Ademar Pimenta passou 15 dias ouvindo "sugestões" quanto aos jogadores que deveriam ser escalados.

De Marselha a delegação seguiu de trem até a capital francesa, hospedando-se nos hotéis Saint Germain e Henri IV (este último era localizado na badaladésima Rive Gauche, na época o umbigo do mundo civilizado, ou seja, o lugar onde todos queriam estar). Para a maioria dos jogadores, o deslumbramento foi total: Paris era a cidade mais famosa e mais requintada do mundo, um luxo mesmo. Dois dias depois, também de trem, nossa Seleção seguiu para a concentração em Niederbronn. Com uma população de apenas 3 000 habitantes, o local era um simpático vilarejo de repouso, no meio da floresta da Alsácia francesa, a 100 quilômetros de Estrasburgo, a cidade onde nosso time faria sua estréia no Mundial contra a Polônia. E, para garantir que os craques não sentissem saudade do arroz com feijão e do tempero típico nacional, até um cozinheiro brasileiro foi contratado na França. *Très chic*...

A era do RÁDIO

As emissoras começaram a divulgar boletins sobre jogos de futebol no fim da década de 20, mas a Copa de 1938 selou a paixão do brasileiro pelas transmissões radiofônicas

Desde o fim da década de 20 algumas emissoras de rádio já apresentavam flashes de partidas de futebol, informando em intervalos regulares o andamento da peleja. Mas a primeira transmissão integral (ou pelo menos a primeira bem documentada) ocorreu em 19 de julho de 1931. Do campo do São Paulo da Floresta, Nicolau Tuma transmitiu pela rádio Educadora Paulista a vitória por 6 x 4 da Seleção Paulista sobre a Paranaense pelo 8º Campeonato Brasileiro de Futebol. Por sua habilidade de falar ininterruptamente, dando a impressão de que nem sequer tomava fôlego entre uma frase e outra, Tuma ficou conhecido nacionalmente como "*speaker* metralhadora".

Em 1933, com a profissionalização do futebol, o rádio entrou definitivamente em campo (e imediatamente começou a ser acusado de "roubar espectadores" dos estádios). No fim do ano de 1937 já havia dez emissoras, só na cidade de São Paulo, transmitindo partidas completas do Campeonato Paulista. Como não havia numeração nas camisas, o locutor era "apresentado" a cada um dos jogadores antes do início do confronto para que pudesse memorizar características físicas que o auxiliassem na identificação de quem era quem.

Comentaristas e narradores

Em 1936 foi realizada a primeira transmissão internacional. Em 27 de dezembro, diretamente de Buenos Aires e usando a freqüência de ondas curtas, Gagliano Neto narrou pela rádio Cruzeiro do Sul, de São Paulo, a vitória do Brasil sobre o Peru (3 x 2) pelo Campeonato Sul-Americano. Nesse dia Gagliano Neto introduziu outra grande novidade nas irradiações esportivas: o comentarista. Até então, no intervalo da contenda as emissoras ficavam tocando música, até os times voltarem ao gramado para a etapa complementar. Gagliano Neto decidiu levar para a Argentina o gaúcho Ary Lund, que preencheu o intervalo recapitulando as jogadas do primeiro tempo. Mas a novidade não "pegou" na Copa de 1938: os dois primeiros comentaristas fixos – Blota Júnior e Geraldo Bretas – só surgiram em 1940, na Cruzeiro do Sul.

Em 1º de fevereiro de 1937 Ary Barroso (fanático torcedor do Flamengo, compositor consagrado e locutor de futebol iniciante) transmitiu pela Cruzeiro do Sul do Rio a final do mesmo Sul-Americano, entre Argentina e Brasil, criando um estilo totalmente novo (que perdura até hoje nos jogos da Seleção): o do narrador que não apenas descreve os lances, mas torce, sofre e vibra junto com o ouvinte. Curiosamente, Ary Barroso tinha em 1938 (12 anos antes do surgimento da TV no Brasil) o

Brasil 6 x 5 Polônia: direto da França, o primeiro jogo de Copa transmitido por rádio

Ary Barroso: o grande composior criou o estilo de narrador que torce, sofre e vibra junto com o ouvinte

apelido de "*speaker* tele-visão", porque "enxergava longe".

A vitória sobre a Polônia por 6 x 5, em Estrasburgo (França), foi o primeiro jogo de Copa do Mundo transmitido por rádio para o Brasil. O *speaker* foi **Gagliano Neto**, da rede Byington – formada pelas rádios Clube do Brasil PRA-3 e Cruzeiro do Sul PRD-2 (ambas do Rio), mais suas filiais Cosmos PRE-7 e Cruzeiro do Sul PRB-6 (ambas de São Paulo). A rádio Clube de Santos PRB-4 entrou como emissora associada e, à medida que a Seleção avançava no Mundial, outras estações foram se integrando ao grupo. Nas principais cidades, alto-falantes eram instalados em locais estratégicos, ao ar livre, para que os torcedores pudessem acompanhar a disputa (apesar de já existirem 350 000 aparelhos receptores no país, ter um em casa ainda privilégio das elites).

O sucesso da transmissão da Copa da França fez com que praticamente todas as emissoras passassem a dedicar espaço ao futebol em sua programação. Para auxiliar os "prezados radiouvintes" surgiu até uma curiosa associação dos "velhos" jornais com o novo veículo: nas páginas dos diários passaram a ser publicados esquemas de campos de futebol divididos em 12 quadrinhos numerados. E os locutores mencionavam em qual quadrinho o lance narrado estava se desenvolvendo.

Para poucos: em 1938, ter um aparelho receptor de rádio em casa era privilégio das elites

O paulista Leonardo Gagliano Neto (1911-1974) tinha uma dicção clara e pausada, fator essencial numa época em que o som era cheio de estática e de chiados. Na Copa de 1938, a narração era feita da lateral do campo e não havia comentarista nem repórter. A voz chegava ao Brasil por ondas curtas (as antenas tinham de ser direcionadas manualmente para captá-las) e o patrocinador era o Cassino da Urca, do Rio. O custo de cada transmissão (aluguel de linha telefônica intercontinental) era uma pequena fortuna: 100 contos de réis, o preço de quatro carros novos.

Modelo de organização

Três meses antes do início da Copa a Fifa realizou o sorteio dos jogos e definiu que as regras da competição seriam quase as mesmas de quatro anos antes, no Mundial disputado na Itália

No dia 5 de abril de 1938 o presidente da Fifa, Jules Rimet, pôs a família para trabalhar: o neto, Yves, de 6 anos de idade, fez o sorteio das partidas das oitavas-de-final. A cerimônia foi realizada no Salon de l'Horloge do Quai d'Orsay, escritório do Ministério das Relações Exteriores do governo francês, em Paris. Assim, com três meses de antecedência – e quando ainda estava treinando em Caxambu –, o Brasil já sabia que estrearia na Copa contra a Polônia. Mas como era comum na época, ninguém se preocupou em procurar informações sobre o estilo de jogo dos adversários. Sabia-se apenas que eles eram *massa* (gíria para fortes).

Assim como tinha sido feito em 1934, a Fifa decidiu que todos os confrontos, incluindo os da primeira rodada (as oitavas) seriam eliminatórios. Em caso de empate, seria disputada uma prorrogação de 30 minutos, em dois tempos de 15. Se persistisse o empate haveria uma nova prorrogação. Se nem assim surgisse um vencedor seria marcado um jogo extra.

Em 1931 três argentinos da província de Córdoba – Antonio Olivo Tossolini, Romano Luis Polo e Juan Valbonesi – haviam criado a primeira bola inteiriça, sem o **tento** externo, que machucava os atletas (muitos evitavam cabeceá-la). Para a época, foi uma revolução tecnológica. Curiosamente, a bola começou a ser usada em 1935, mas no Brasil (a Argentina só a adotaria em 1936). Em 1937 a nova bola chegou à Europa e em 1938, com o nome de *superball*, foi usada em todos as partidas da Copa da França. Não por acaso o número de gols de cabeça aumentou (17 do total de 84). Assim, alguns jogadores, que até então atuavam de gorro por necessidade passaram a usá-lo por vaidade, para disfarçar uma eventual calvície precoce.

Até 1931 as bolas eram de couro com gomos retangulares costurados a mão e um bico para encher a câmara interna, de borracha. O bico era dobrado e colocado entre o couro e a câmara. E a abertura era amarrada com uma tira de couro cru (tiento, em espanhol).

DE OLHO NA TAÇA

Dois campeões

Em relação à Copa de 1934 havia uma novidade no regulamento da de 1938: na finalíssima, caso houvesse empate nos jogos e nas prorrogações, os dois países seriam proclamados campeões mundiais. Isso não aconteceu, mas, se tivesse ocorrido, a Copa de 1938 teria sido a única vez em que a taça precisaria ser repartida.

Templos da bola

No total, as 18 partidas da Copa de 1938 foram jogadas em dez estádios, de nove cidades (o Vélodrome, em Marselha, foi construído especialmente para a disputa)

Estádio	Cidade	Capacidade	Jogos
Olympique Colombes	Paris	42 000	3
Parc des Princes	Paris	34 000	3
Parc Lescure	Bordeaux	26 000	3
Vélodrome	Marselha	36 740	2
Chapou	Toulouse	22 000	2
Cavée Verte	Le Havre	24 900	1
Meinau	Estrasburgo	23 000	1
Victor Boucquey	Lille	15 000	1
Auguste Delaune	Reims	9 500	1
Fort Carré	Antibes	8 000	1

O "scratch" de 1938

O Brasil levou 22 jogadores para a Copa de 1938, na França: 5 do Botafogo, 5 do Fluminense, 3 do Flamengo, 2 do Corinthians, 2 do São Cristóvão, 2 do Vasco, 1 do América, 1 do Palestra Itália e 1 da Portuguesa. Confira a lista dos atletas e dirigentes que foram à Europa.

Pra frente Brasil: a delegação não tinha médico, mas contava com os conhecimentos do zagueiro Nariz, que tinha concluído o curso em 1937; já o massagista era um jogador argentino, chamado Caros Volante

Goleiros

Walter de Souza Goulart, 25 anos (17 de julho de 1912), do Flamengo
Batatais (Algisto Lorenzato), 28 anos (20 de maio de 1910), do Fluminense

Zagueiros

Nariz (Álvaro Cançado Lopes), 25 anos (8 de dezembro de 1912), do Botafogo
Domingos Antônio da Guia, 25 anos (19 de novembro de 1912), do Flamengo
Arthur ***Machado***, 29 anos (1º de janeiro de 1909), do Fluminense
Jaú (Euclydes Barbosa), 28 anos (7 de dezembro de 1909), do Vasco

Médios

Hermínio Américo de ***Britto***, 24 anos (6 de maio de 1914), do América
Martim Mércio da Silveira, 27 anos (2 de março de 1911), do Botafogo
Zezé Procópio (José Procópio Mendes), 24 anos (12 de agosto de 1913), do Botafogo
José Augusto ***Brandão***, 21 anos (19 de junho de 1916), do Corinthians
Argemiro Pinheiro da Silva, 23 anos (3 de junho de 1915), da Portuguesa Santista
Affonsinho (Affonso Guimarães da Silva), 24 anos (8 de março de 1914), do São Cristóvão

Atacantes

Patesko (Rodolpho Barteczko), 27 anos (12 de novembro de 1910), do Botafogo
José ***Perácio*** Berjum, 20 anos (2 de novembro de 1917), do Botafogo
José dos Santos ***Lopes***, 27 anos (1º de novembro de 1910), do Corinthians
Leônidas da Silva, 24 anos (6 de setembro de 1913), do Flamengo
Hércules de Miranda, 25 anos (2 de julho de 1912), do Fluminense
Romeu Pelliciari, 27 anos (26 de março de 1911), do Fluminense
Tim (Elba de Pádua Lima), 23 anos (20 de fevereiro de 1915), do Fluminense
Luizinho (Luiz Mesquita de Oliveira), 27 anos (29 de março de 1911), do Palestra Itália
Roberto Emílio da Cunha, 25 anos (20 de junho de 1912), do São Cristóvão
Niginho (Oswaldo Dionízio Fantoni), 26 anos (12 de fevereiro de 1912), do Vasco

Comissão técnica

A delegação não tinha médico oficial porque o zagueiro Nariz era médico (havia se formado em 1936). Nariz, pessoalmente, montara no Botafogo o pioneiro posto médico para atendimentos urgentes no futebol brasileiro, em 1937. Até então, jogadores machucados eram encaminhados ao hospital mais próximo, o que tornava a recuperação mais lenta. No ano seguinte todos os grandes times do Rio e de São Paulo já haviam seguido o exemplo botafoguense. Como a Seleção também não havia levado massagista, foi providenciado um na França: o jogador argentino Carlos Volante. O único senão é que Volante não era do ramo. Mas o contato que fez com os brasileiros lhe foi bem proveitoso, pois rendeu um convite para jogar no Brasil após a Copa. Por aqui, Volante se sagrou campeão carioca pelo Flamengo em 1939, 1942 e 1943, atuando como centromédio. Foi uma ressurreição fantástica, já que os jornais brasileiros de 1938 se referem a ele como o "ex-jogador" Volante. Assim, a comissão técnica que embarcou para Marselha tinha apenas cinco componentes oficiais:

Chefe: *José Maria Castello Branco*, presidente do São Cristóvão e da Federação Brasileira de Futebol (órgão da CBD)
Superintendente: *Irineu Chaves*
Jornalista: *Afrânio Vieira*
Representante no Congresso da Fifa: *Célio de Barros*
Locutor (*speaker*, segundo a terminologia da época): ***Leonardo Gagliano Neto***. Pela primeira vez, uma Copa do Mundo foi transmitida por rádio para o Brasil.

O Mundial, jogo a jogo

Oitavas-de-final

Um time anexado

Em sua primeira apresentação depois do *Anschluss* decretado por Adolf Hitler, a "nova" Alemanha incorporou cinco jogadores austríacos, todos de equipes de Viena: Raftl e Pesser (do Rapid), Schmaus (do Erste), Mock (do FK Austria) e Hahnemann (do Admira). Além deles, mais quatro atletas da extinta Seleção Austríaca estavam na delegação alemã. Mas para frustração de Hitler o grande craque Mathias Sindelar se recusou a participar do arranjo político-esportivo (em 1939, ele se suicidou, ou "foi suicidado"). A natural dificuldade para mesclar estilos diferentes prejudicou a Alemanha. Os austríacos tinham um futebol mais sutil, com base no toque de bola, enquanto os alemães privilegiavam a força e os passes longos.

SUÍÇA 1 x 1 ALEMANHA

Data: 4 de junho de 1938, sábado
Horário: 17 horas
Estádio: Parc des Princes, em Paris
Público estimado: 27 152 pessoas
Gols: *Gauchel* (23) e *Abegglen* (43 do 1º)
Suíça – *Huber, Minelli e Lehmann; Springer, Vernati e Lörtscher; Amado, Abegglen, Bickel, Wallaschek e Aeby.*
Técnico: Karl Rappan
Alemanha – *Raftl, Janes e Schmaus; Kupfer, Mock e Kitzinger; Lehner, Gallesch, Gauchel, Hahnemann e Pesser.*
Técnico: Sepp Herberger
Juiz: Jean Langenus (Bélgica)
Auxiliares: Van Moorsel (Holanda) e Marenco (França)

Pontapé inicial

O presidente da França, Albert Labrun, foi convidado a dar o pontapé inicial da Copa. E, para delírio da platéia presente, conseguiu a proeza de errar o chute, arrancando um punhado de grama do solo e fazendo a bola rolar apenas alguns centímetros. Com uma equipe mais bem organizada, a Suíça levou o primeiro gol, mas conseguiu empatar com um tento de cabeça de Abegglen no fim do primeiro tempo. Nos 105 minutos seguintes (o segundo tempo e duas prorrogações de 30 minutos) nenhuma das duas seleções conseguiu marcar. Como mandava o regulamento, um novo jogo teve de ser disputado.

SUÍÇA 4 x 2 ALEMANHA

Data: 9 de junho de 1938, quinta-feira
Horário: 18 horas
Estádio: Parc des Princes, em Paris
Público estimado: 20 025 pessoas
Gols: *Hahnemann* (8), *Lörtscher* (contra, 22) e *Wallachek* (41 do 1º); *Bickel* (19) e *Abegglen* (30 e 33 do 2º)
Suíça – *Huber, Minelli e Lehmann; Springer, Vernati e Lörtscher; Amado, Abegglen, Bickel, Wallaschek e Aeby.*
Técnico: Karl Rappan
Alemanha – *Raftl, Janes e Streitl; Kupfer, Goldbrunner e Skoumal; Lehner, Stroh, Hahnemann, Szepan e Pesser.*
Técnico: Sepp Herberger
Juiz: Ivan Eklind (Suécia)
Auxiliares: Van Moorsel (Holanda) e Baert (Bélgica)

Raça superior?

A Suíça repetiu o time da primeira partida, mas a Alemanha fez cinco alterações. Parecia que ia dar certo: aos 22 minutos do primeiro tempo os alemães venciam por 2 x 0. Um gol do russo naturalizado suíço Wallachek diminuiu o prejuízo, mas ele veio acompanhado de uma má notícia: o ponteiro Aeby, com a cabeça machucada, provavelmente não retornaria para a etapa final. Mesmo com dez, a Suíça empatou. Aos 25 minutos, Aeby voltou e em seguida Abegglen marcou 2 gols e eliminou a Alemanha. Para frustração da comunidade nazista, a teoria da raça superior não resistiu à primeira rodada.

BRASIL 6 x 5 POLÔNIA
(4 x 4 no tempo normal)

Data: 5 de junho de 1938, domingo
Horário: 17h30
Estádio: Meinau, em Estrasburgo
Público estimado: 13 452 pessoas
Gols: *Leônidas* (18), *Scherfke* (pênalti, 23), *Romeu* (25) e *Perácio* (44 do 1º); *Wilimowski* (8 e 14), *Perácio* (26) e *Wilimowski* (44 do 2º); *Leônidas* (3 e 14 do 1º da prorrogação) e *Wilimowski* (13 do 2º da prorrogação)

Brasil – *Batatais, Domingos e Machado; Zezé Procópio, Martim e Affonsinho; Lopes, Romeu, Leônidas, Perácio e Hércules.*
Técnico: Ademar Pimenta
Polônia – *Madejski, Szczepaniak e Galecki; Góra, Nyk e Dytko; Piec, Piatek, Scherfke, Wilimowski e Wodarz.*
Técnico: Jozef Kaluska
Juiz: Ivan Eklind (Suécia)
Auxiliares: Poissant (França) e Kissenberger (França)

Emoção até o fim

Uma partida emocionante, que desde então passou a figurar em qualquer compêndio de grandes jogos da história das Copas. No dia do embate, *O Globo* anunciava: "Nada Deterá o Ímpeto do Scratch Branco!". O escrete branco, lógico, era o Brasil. Só que a Polônia também jogava com camisas brancas. E o Brasil, por força de um sorteio, teve de entrar em campo com um estranho uniforme: calção azul-bandeira e camisa num tom azul mais pálido. Foi a única vez que a Seleção entrou em campo sem um distintivo no peito. Mesmo assim o Brasil exibiu um futebol "transbordante de imaginação", na definição de um jornal francês. Já a Polônia estava pela primeira vez numa Copa. O futebol era o esporte número 1 do país – em 1938 havia 918 equipes amadoras registradas e 79 800 jogadores inscritos (como comparação, em 1937 havia perto de 5 000 times cadastrados na CBD, profissionais e amadores). Mas a Seleção Polonesa só chegou a Estrasburgo no dia 3, antevéspera do jogo, após 36 horas de trem desde Varsóvia. Aproveitando o campo pesado, conseqüência da chuva forte que caíra no dia anterior, os poloneses começaram atacando. O Brasil também partiu para o ataque, mostrando o que tinha de melhor: o individualismo que compensava a falta de conhecimento tático de Ademar Pimenta. Enquanto a maioria das equipes européias já adotava o sistema WM, nosso treinador continuava a usar a primitiva "pirâmide", que dava pouca proteção aos zagueiros. O resultado foi um jogo cheio de gols. Antes de Leônidas marcar o primeiro, aos 18 minutos, Perácio já havia acertado um se seus famosos petardos no travessão. Mas aos 23 minutos o desprotegido Domingos foi obrigado a agarrar Wodarz dentro da área. Scherfke converteu o pênalti e empatou. Romeu e Perácio deixaram suas marcas ainda no primeiro tempo e a vitória do Brasil parecia assegurada. No intervalo, porém, começou uma chuva torrencial. O campo, que já não era bom, logo se transformou num lamaçal, beneficiando o estilo duro dos poloneses. E aí Wilimowski conseguiu empatar, fazendo 2 gols antes dos 15 minutos. Perácio ainda colocou novamente o Brasil em vantagem, mas, quando todos já comemoravam a passagem para as quartas, Wilimowski empatou outra vez, no penúltimo minuto. Na prorrogação, Leônidas marcou duas vezes. A primeira – diz a lenda – sem a chuteira do pé direito, que havia se rompido na costura. O juiz Eklind não teria percebido a irregularidade porque, àquela altura, os jogadores já estavam com os pés e as pernas cheios de barro. Na semana seguinte, um texto na revista parisiense *Foot-ball* afirmava que o juiz Eklind, ao perceber que Leônidas tirara do pé a chuteira rasgada e dava a impressão de pretender continuar jogando sem ela, havia procedido corretamente ao pedir que o atacante deixasse o campo e calçasse uma nova. Mas não fazia menção ao célebre "gol descalço". Já o jornal paulista *Folha da Manhã* foi mais preciso, ao informar que Leônidas descalçara a chuteira *"logo após o quinto gol brasileiro"*. O persistente Wilimowski ainda marcou o quinto para a Polônia a 2 minutos do fim da prorrogação. E a torcida prendeu a respiração porque, àquela altura, qualquer coisa parecia possível. Mas o Brasil finalmente conseguiu vencer na estréia. E os dirigentes da CBD anunciaram ainda no vestiário que o bicho seria pago em dobro.

"Cômico travesso"

Com uma agilidade que encantou a torcida, Leônidas marcou 3 gols e foi a grande figura do Brasil. No decorrer da Copa, ele recebeu vários apelidos dos jornalistas presentes – sendo que Homem Borracha (em francês, *Homme Gomme*) foi o que mais pegou. A revista francesa *Match* chamou-o de "cômico travesso e produtivo".

Polonês goleador

Com os 4 gols, Ernest Otton Wilimowski entrou para a história como o jogador que mais marcou contra o Brasil num único jogo. Ele tinha 21 anos (nasceu em Katowice em 23 de junho de 1916) e, mesmo sem ser muito alto (1,72 metro), possuía boa impulsão e ótima colocação dentro da área. Em 1938 jogava pelo Ruch, de Chorzów, e já tinha sido quatro vezes campeão e três vezes artilheiro do Campeonato Polonês. Pela Seleção, disputou 21 jogos entre 1934 e 1939 e marcou 22 gols. Mas, assim como aconteceu com a Áustria em 1938, o futebol da Polônia também foi incorporado pela Alemanha nazista durante a Segunda Guerra. Convocado para jogar pelo München 1860 e pelo Kaiserslautern, Wilimowski chegou a atuar 8 vezes pela Seleção Alemã entre 1941 e 1942, marcando 13 gols. Parou de jogar em 1959, aos 43 anos. Morava na Alemanha quando morreu, em 30 de agosto de 1997, aos 81 anos.

ITÁLIA 2 x 1 NORUEGA
(1 x 1 no tempo normal)

Data: 5 de junho de 1938, domingo
Horário: 17 horas
Estádio: Vélodrome, em Marselha
Público estimado: 18 826 pessoas
Gols: *Pietro Ferraris* (2 do 1º); *Brustad* (38 do 2º) e *Piola* (4 do 1º da prorrogação)
Itália – *Olivieri, Monzeglio e Rava; Serantoni, Andreolo e Locatelli; Pasinatti, Meazza, Piola, Ferrari e Pietro Ferraris.*
Técnico: Vittorio Pozzo
Noruega – *Johansen, Johannesen e Holmsen; Henriksen, Eriksen e Holmberg; Frantzen, Kvammen, Brynildsen, Isaksen e Brustad.*
Técnico: Asbjorn Hansen
Juiz: Alois Beranek (Alemanha)
Auxiliares: Bouture (França) e Tréhou (França)

Replay de Berlim

A Itália chegou embalada à Copa, após duas goleadas nos últimos amistosos: 6 x 1 na Bélgica, em Milão (15 de maio), e 4 x 0 na Iugoslávia, em Gênova (22 de maio). Além disso, os italianos estavam invictos havia 17 partidas (desde outubro de 1935). E, para completar, a própria Noruega, adversária da estréia, havia sido derrotada pela Seleção B da Itália dois anos antes, nas semifinais da Olimpíada de Berlim. Naquele jogo, em 10 de agosto de 1936, a Itália – que acabou conquistando o título olímpico – começou vencendo logo aos 15 minutos, mas cedeu o empate (gol de Brustad) no segundo tempo. A decisão foi para a prorrogação e Frossi, aos 6 minutos, fez o gol da vitória. Na Copa da França, os noruegueses entraram com o mesmo time (todos eram amadores e podiam participar das duas competições). Já a Itália tinha desta vez seus renomados profissionais: além de Monzeglio, Meazza e Ferrari, campeões mundiais em 1934, várias jovens revelações (como Silvio Piola, da Lazio) reforçavam a equipe. Mas a tão aguardada estréia dos campeões do mundo decepcionou a torcida, que esperava uma goleada. Por uma incrível coincidência, o resultado de 1936 se repetiu, quase nos mínimos detalhes (1 x 0 para a Itália no início do jogo, empate com Brustad no segundo tempo, vitória na prorrogação).

FRANÇA 3 x 1 BÉLGICA

Data: 5 de junho de 1938, domingo
Horário: 17 horas
Estádio: Olympique Colombes, em Paris
Público estimado: 30 454 pessoas
Gols: *Veinante* (35 segundos), *Nicolas* (16) e *Isemborghs* (38 do 1º); *Nicolas* (24 do 2º)
França – *Di Lorto, Cazenave e Mattler; Bastien, Jordan e Diagne; Aston, Heisserer, Nicolas, Delfour e Veinante.*
Técnico: Gaston Baurreau
Bélgica – *Badjou, Paverick e Saeys; Van Alphen, Stijnen e De Winter; Van der Wouwer, Voorhoof, Isemborghs, Braine e Buyle.*
Técnico: Jack Butler
Juiz: Hans Wuthrich (Suíça)
Auxiliares: Krist (Tchecoslováquia) e Birlem (Alemanha)

A torcida agradece

Os franceses estavam apreensivos. O histórico dos confrontos com a Bélgica, até 1938, dava vantagem aos belgas: 15 vitórias em 32 jogos, contra 11 resultados positivos para os gauleses. O consolo é que no último amistoso entre os dois países, disputado em janeiro de 1938 em Paris, a França havia conseguido vencer por 5 x 3. A defesa – Di Lorto, Cazenave e Mattler – era o ponto alto do time. Jogando junto no FC Sochaux, o trio recebeu o apelido de Linha Maginot, nome do até então inexpugnável sistema militar de defesa, na fronteira com os vizinhos europeus. A grande esperança dos donos da casa para começar a Copa com o pé direito era o centroavante Jean Nicolas. Em setembro de 1935 ele havia entrado para a história do futebol nacional ao marcar 8 gols num jogo de seu clube, o FC Rouen, contra o Stade Reims. E Nicolas não decepcionou a torcida na estréia no Mundial: logo no primeiro ataque do jogo ele chutou forte de fora da área. O goleiro Badjou rebateu e Veinante abriu a contagem. Era tudo de que a Seleção precisava para colocar os nervos no lugar e estrear com uma vitória convincente. Nicolas fez ainda mais 2 gols para a França e saiu do gramado nos ombros dos torcedores. A Bélgica limitou-se aos contra-ataques e, num deles, a 7 minutos do fim do primeiro tempo, conseguiu seu gol de honra. Três dos belgas de 1938 haviam atuado no Uruguai, em 1930: o goleiro Badjou, o médio Braine e o atacante Voorhoof.

TCHECOSLOVÁQUIA 3 x 0 HOLANDA
(0 x 0 no tempo normal)

Data: 5 de junho de 1938, domingo
Horário: 18 horas
Estádio: Cavée Verte, em Le Havre
Público estimado: 10 550 pessoas
Gols: *Kostalek* (2 do 1º da prorrogação); *Zeman* (6) e *Nejedly* (13 do 2º da prorrogação)
Tchecoslováquia – *Planicka, Burgr e Daucik; Kostalek, Boucek e Kopecky; Riha, Simunek, Zeman, Nejedly e Puc.*
Técnico: Josef Meissner
Holanda – *Van Male, Weber e Caldenhove; Pauwe, Anderiesen e Van Heel; Wels, Van der Veen, Vente, Smit e De Harder.*
Técnico: Robert Glendenning
Juiz: Lucien Leclercq (França)
Auxiliares: Olive (França) e Sedez (França)

Só com um a mais

Com apenas quatro jogadores (Planicka, Kostalek, Nejedly e Puc) remanescentes do vice-campeonato conquistado em 1934, na Itália, a Tchecoslováquia encontrou enormes dificuldades para superar o jovem time holandês, que segurou o empate sem gols. Mas, no fim do tempo normal, o armador Van der Veen torceu o tornozelo e teve de deixar o campo. Com um jogador a mais na prorrogação, os tchecos finalmente conseguiram fazer 3 gols e passar para as quartas. A Holanda, em sua estréia em Copas, estava eliminada, mas deixou marcas na estatística de 1938. Tanto o jogador mais jovem do torneio (o ponteiro Bertus de Harder, de 18 anos) quanto o mais velho (o médio Wim Anderiesen, de 34) eram da Seleção Holandesa.

HUNGRIA 6 x 0 ÍNDIAS OCIDENTAIS HOLANDESAS

Data: 5 de junho de 1938, domingo
Horário: 17 horas
Estádio: Auguste Delaune, em Reims
Público estimado: 9 091 pessoas
Gols: *Kohut* (12), *Toldi* (14), *Sárosi* (20) e *Zsengellér* (35 do 1º); *Zsengellér* (18) e *Sárosi* (32 do 2º)
Hungria – *Háda, Korányi e Biró; Lázár, Turay e Balogh; Sas, Zsengellér, Sárosi, Toldi e Kohut.*
Técnicos: Károly Dietz e Alfred Schäffer
Índias Ocidentais Holandesas – *Bing Mo Heng, Samuels e Hu Kom; Anwar, Meng e Nawir; Hong Djien, Soedermandji, Sommers, Pattiwael e Taihuttu.*
Técnico: Johannes Mastenbroek
Juiz: Roger Conrie (França)
Auxiliares: Delasalle (França) e Weingärtner (Alemanha)

Goleada sem esforço

As Índias Ocidentais Holandesas (atual Indonésia) foram o primeiro país asiático a participar de uma Copa do Mundo. Colonizadas por holandeses, que introduziram o futebol por lá em 1893, só em 1931 elas começaram a ter campeonatos regulares, disputados na Ilha de Java. Sua Seleção era formada por nativos indonésios e reforçada por imigrantes holandeses e chineses (como o goleiro Mo Heng). Mas seu futebol sem ambições não foi páreo para a poderosa Hungria, que construiu a goleada no primeiro tempo e se desinteressou do jogo na fase final.

SUÉCIA W.O. ÁUSTRIA

A Áustria fez *forfait*

Uma das partidas das oitavas-de-final não foi realizada. A Suécia passou para as quartas-de-final quando a Fifa, oficialmente, considerou que a Áustria "não havia comparecido para jogar", embora naquela mesma hora vários atletas austríacos estivessem atuando pela Seleção da Alemanha contra a Suíça. A sigla inglesa W.O. de *Walk Over*, "segue adiante", ainda não era utilizada na época – o que se falava era o termo francês *forfait*.

CUBA 3 x 3 ROMÊNIA
(2 x 2 no tempo normal)

Data: 5 de junho de 1938, domingo
Horário: 17 horas
Estádio: Chapou, em Toulouse
Público estimado: 6 707 pessoas
Gols: *Bindea* (30) e *Hector Socorro* (42 do 1º); *Baratky* (14) e *Magriña* (24 do 2º); *Hector Socorro* (13) e *Dobay* (15 do 1º da prorrogação)
Cuba – *Carvajales, Barquín e Chorens; Bolero, Bolillo e Berges; Magriña, Tomas, Hector Socorro, Tuñas e Sosa.*
Técnico: José Tapia
Romênia – *Pavlovici, Bürger e Chiroiu; Cossini, Rasinaru e Raffinski; Bindea, Kovacs, Barátky, Bodola e Dobay.*
Técnico: Constantin Radulescu
Juiz: Giuseppe Scarpi (Itália)
Auxiliares: Valprede (França) e Merckx (França)

Novatos e veteranos

Cuba – na época um país que vivia sob uma democracia – foi o primeiro país da América Central a disputar uma Copa do Mundo. O futebol, uma das paixões nacionais na primeira metade do século 20, seria mais tarde substituído por modalidades olímpicas, principalmente o atletismo e o vôlei. E, por influência norte-americana, também pelo beisebol, hoje o esporte coletivo mais popular da ilha. Já a Romênia participava de seu terceiro Mundial em 1938 (era, juntamente com o Brasil, o único país que tido estado na fase final das três edições do torneio até então). Em relação à Copa de 1934, os romenos haviam mantido o ataque e reformulado completamente a defesa. O ataque correspondeu às expectativas, mas a defesa não: levou 3 gols. No dia seguinte, os jornais franceses comentavam que a Romênia havia escapado por pouco da eliminação, mas previam que o susto certamente faria com que os atletas encarassem o jogo de desempate com mais seriedade.

CUBA 2 x 1 ROMÊNIA

Data: 9 de junho de 1938, quinta-feira
Horário: 18 horas
Estádio: Chapou, em Toulouse
Público estimado: 7 536 pessoas
Gols: *Dobay* (35 do 1º); *Hector Socorro* (6) e *Tomas* (9 do 2º)
Cuba – *Ayra, Barquín e Chorens; Bolero, Bolillo e Berges; Magriña, Tomas, Hector Socorro, Tuñas e Sosa.*
Técnico: José Tapia
Romênia – *Sadowski, Bürger e Felecan; Barbulescu, Rasinaru e Raffinski; Bogdan, Moldoveanu, Barátky, Prassler e Dobay.*
Técnico: Constantin Radulescu
Juiz: Alfred Birlem (Alemanha)
Auxiliares: Capdeville (França) e Marenco (França)

Surpresa caribenha

Para o jogo extra, o técnico romeno Radulescu mexeu na defesa, na linha média e no ataque, trocando seis jogadores. Já o cubano Tapia substituiu apenas o goleiro Benito Carvajales (que não havia sido culpado por nenhum dos 3 gols romenos no primeiro jogo). Mas a alteração funcionou: o novo arqueiro, Juan Ayra, foi considerado a grande figura da partida, com pelo menos oito defesas importantes. Depois de levar 2 gols em 2 minutos, no início do segundo tempo, a Romênia se perdeu em campo e acabou por se despedir da Copa. Os surpreendentes cubanos estavam classificados.

Quartas-de-final

A fase das oitavas-de-final demonstrou que o nível geral dos participantes tinha melhorado bastante em relação às duas Copas anteriores. Das sete partidas, cinco foram para a prorrogação. Duas deles terminaram empatadas assim mesmo – e foram necessários jogos extras. A tabela de toda a Copa

havia sido confeccionada com quatro meses de antecedência. E os adversários foram decididos por sorteio, sem critérios especiais. Mas bem que a Fifa poderia ter sido mais camarada, dirigindo um pouco a tabela para evitar que a França, dona da casa, não tivesse de cruzar tão cedo com a Itália, a campeã mundial. Mas não houve essa preocupação e as duas seleções se pegaram já nas quartas.

SUÉCIA 8 x 0 CUBA

Data: 12 de junho de 1938, domingo
Horário: 17 horas
Estádio: Fort Carré, em Antibes
Público estimado: 6 846 pessoas
Gols: *Harry Andersson* (9) e *Wetterstroem* (32, 37 e 44 do 1º); *Jonasson* (35), *Harry Andersson* (36), *Nyberg* (39) e *Keller* (44 do 2º)
Suécia – *Abrahamsson, Eriksson e Källgren; Almgren, Jacobsson e Swantroem; Nyberg, Jonasson, Harry Andersson, Keller e Wetterstroem.*
Técnico: Josef Nagy
Cuba – *Carvajales, Barquín e Chorens; Bolero, Bolillo e Berges; Pedrito, Tomas, Hector Socorro, Tuñas e Alonso.*
Técnico: José Tapia
Juiz: Augustin Krist (Tchecoslováquia)
Auxiliares: Weingärtner (Alemanha) e Sedez (França)

O cansaço bateu Cuba

A esperança de que Cuba pudesse repetir contra a Suécia as surpreendentes atuações registradas contra a Romênia ruiu ainda no primeiro tempo. Enquanto os cubanos já tinham disputado duas partidas dificílimas, os suecos estavam apenas estreando, bem descansados (depois do W.O. contra a Áustria). E o cansaço dos caribenhos ficou evidente no segundo tempo, quando levaram 4 gols nos 10 minutos finais. Aos 41 minutos do primeiro tempo o médio cubano Bolero deixou o campo machucado (e não retornou após o intervalo). Um minuto depois, Cuba poderia ter feito seu gol de honra – e talvez reacendido as esperanças –, mas Tomas perdeu um pênalti, defendido por Abrahamsson. Para piorar as coisas, no contra-ataque logo após o pênalti desperdiçado, Wetterstroem marcou seu terceiro gol. Assim, o segundo tempo foi disputado apenas por dever de profissão, mas teve uma pequena compensação histórica: o oitavo gol, marcado por Tore Keller, foi o de número 200 da história das Copas.

HUNGRIA 2 x 0 SUÍÇA

Data: 12 de junho de 1938, domingo
Horário: 17 horas
Estádio: Victor Boucquey, em Lille
Público estimado: 14 800 pessoas
Gols: *Sárosi* (40 do 1º); *Zsengellér* (45 do 2º)
Hungria – *Szabó, Korányi e Biró; Lázár, Turay e Szalay; Sas, Zsengellér, Sárosi, Vincze e Kohut.*
Técnicos: Károly Dietz e Alfred Schäffer
Suíça – *Huber, Stelzer e Lehmann; Springer, Vernati e Lörtscher; Amado, Abegglen, Bickel, Wallaschek e Grassi.*
Técnico: Karl Rappan
Juiz: Rinaldo Barlassina (Itália)
Auxiliares: Beranek (Alemanha) e Bouture (França)

Vitória burocrática

Num embate burocrático, os húngaros venceram sem dificuldades. A Suíça parecia cansada após a partida de desempate contra a Alemanha, disputada três dias antes. Já os húngaros, que haviam goleado as fracas Índias Ocidentais Holandesas e tinham tido uma semana inteira de descanso, controlaram o ritmo e fizeram só o suficiente para ganhar: 1 gol no fim de cada tempo. Mas a derrota suíça teve conseqüências de longo prazo. O técnico da Seleção, o austríaco Karl Rappan, então com 32 anos, saiu de campo convencido de que só havia um jeito de equilibrar as disputas contra adversários mais fortes: o aperfeiçoamento de um forte sistema defensivo. Assim nasceu o ferrolho – *verrou*, em francês –, que privilegiava a defesa em detrimento do ataque. E contrariava o que tinha sido, até então, o primeiro objetivo do futebol: marcar gols. A tática de Rappan contagiou muitos outros técnicos pelas décadas seguintes e, lentamente, mudou a essência do esporte.

Superlotação

Este foi o jogo com a maior platéia da Copa de 1938. O público excedeu em 15% a capacidade do estádio. E 10 000 torcedores ficaram do lado de fora. Com a eliminação da Seleção Francesa a torcida local elegeu seu novo time do coração: o Brasil.

Fascistas

Os italianos aproveitaram que a França também usava azul para trocar sua tradicional malha *azzurra* por camisas pretas – um dos símbolos do fascismo. E ainda cumprimentaram as tribunas com a saudação fascista: braço direito estendido e a mão espalmada para baixo. Em troca, receberam os assobios da torcida.

ITÁLIA 3 x 1 FRANÇA

Data: 12 de junho de 1938, domingo
Horário: 17 horas
Estádio: Olympique Colombes, em Paris
Público estimado: 48 455 pessoas
Gols: *Colaussi* (9) e *Heissener* (10 do 1º); *Piola* (6 e 27 do 2º)
Itália – *Olivieri, Foni e Rava; Serantoni, Andreolo e Locatelli; Biavati, Meazza, Piola, Ferrari e Colaussi.*
Técnico: Vittorio Pozzo
França – *Di Lorto, Cazenave e Mattler; Bastien, Jordan e Diagne; Aston, Heissener, Nicolas, Delfour e Veinante.*
Técnico: Gaston Baurreau
Juiz: Louis Baert (Bélgica)
Auxiliares: Wuthrich (Suíça) e Eklind (Suécia)

Sem esperança

França e Itália haviam empatado por 0 x 0 em março, em Paris, o que dava uma certa esperança aos franceses. Mas para azar da Seleção dona da casa desta vez os italianos apresentaram um excelente futebol e mereceram a vitória por 3 x 1. O primeiro gol italiano – feito por Colaussi, num chute de longa distância – é um dos mais cômicos da história das Copas. A bola subiu muito, mas desceu de repente. E o goleiro francês Di Lorto, apanhado de surpresa, correu para fazer a defesa, mas chocou-se contra a trave direita enquanto a bola caía dentro do gol. Para felicidade da platéia francesa, o empate veio no minuto seguinte, com Heissener. Mas, no segundo tempo, Piola se encarregou de garantir a vitória, marcando 2 gols em 20 minutos.

Longa viagem

A partida marcou a inauguração do novíssimo estádio de Bordeaux. Isso obrigou as duas equipes a fazer longos percursos de trem: os tchecos viajaram 521 quilômetros desde Le Havre e os brasileiros, 758 quilômetros desde Strasburgo (quase 12 horas a bordo). É bem possível que a longa viagem tenha influído no ânimo e nos nervos dos atletas. Ainda mais porque a vitória sobre a Polônia tinha sido duríssima e o Brasil sabia que a Tchecoslováquia seria um adversário ainda mais difícil. Bastava ver o confronto direito entre poloneses e tchecos: nove jogos e oito vitórias da Seleção Tcheca.

BRASIL 1 x 1 TCHECOSLOVÁQUIA (1 x 1 no tempo normal)

Data: 12 de junho de 1938, domingo
Horário: 17 horas
Estádio: Parc Lescure, em Bordeaux
Público estimado: 22 021 pessoas
Gols: *Leônidas* (30 do 1º) e *Nejedly* (pênalti, 20 do 2º)
Brasil – *Walter, Domingos e Machado; Zezé Procópio, Martim e Affosinho; Lopes, Romeu, Leônidas, Perácio e Hércules.*
Técnico: Ademar Pimenta
Tchecoslováquia – *Planicka, Burgr e Daucik; Kostalek, Boucek e Kopecky; Riha, Simunek, Ludl, Nejedly e Puc.*
Técnico: Josef Meissner
Juiz: Paul von Hertzka (Hungria)
Auxiliares: Scarpi (Itália) e Delasalle (França)

A Batalha de Bordeaux

Os tchecos, com seu futebol metódico, e os brasileiros, com seu futebol artístico, fugiram ambos de suas características e partiram para o jogo violento. Tão violento que foi batizado de Batalha de Bordeaux. Três das quatro expulsões da Copa aconteceram na partida: Zezé Procópio foi o primeiro, logo aos 14 minutos do primeiro tempo, depois de um chute sem bola em Nejedly. No último minuto do tempo regulamentar, Machado e Riha trocaram sopapos e também foram convidados pelo juiz a não voltar para a prorrogação. Num dos raros momentos em que foi possível jogar Leônidas fez o gol do Brasil. Mas aos 20 minutos da etapa final Domingos da Guia tentou cortar de peito uma tabela entre Nejedly e Simunek e conduziu a bola com o braço. Pênalti, que Nejedly converteu. Se o juiz húngaro Von Hertzka tivesse sido realmente rigoroso, pelo menos a metade dos 22 jogadores teria ido mais cedo para o chuveiro. Leônidas, o principal alvo dos tchecos, levava constantes pontapés. Num deles, desferido por Kostalek no fim do jogo, Leônidas saiu carregado e ficou quase 5 minutos sendo atendido. No fim da prorrogação, o empate de 1 x 1 persistiu e o rescaldo da guerra era altamente preocupante. O goleiro tcheco Planicka havia jogado mais de meia hora com a clavícula deslocada e o artilheiro Nejedly havia fraturado o pé direito. Ambos estavam fora da partida de desempate, dali a apenas 48 horas. No time brasileiro, Perácio saiu arrebentado e Leônidas, de tanto apanhar, também era dúvida.

BRASIL 2 x 1 TCHECOSLOVÁQUIA

Data: 14 de junho de 1938, terça-feira
Horário: 18 horas
Estádio: Parc Lescure, em Bordeaux
Público estimado: 18 141 pessoas
Gols: *Kopecky* (25 do 1º); *Leônidas* (12) e *Roberto* (17 do 2º)
Brasil – *Walter, Jaú e Nariz; Britto, Brandão e Argemiro; Roberto, Luizinho, Leônidas, Tim e Patesko.*
Técnico: Ademar Pimenta
Tchecoslováquia – *Burkert, Burgr e Daucik; Kostalek, Boucek e Kreuz; Horak, Senecky, Ludl, Kopecky e Rulc.*
Técnico: Josef Meissner
Juiz: Georges Capdeville (França)
Auxiliares: Kissenberger (França) e Marenco (França)

Renovação total

O técnico Meissner imaginou que ia surpreender o Brasil ao fazer cinco alterações na equipe tcheca. Mas na hora em que os times entraram em campo Meissner só se convenceu de que aquele era mesmo o Brasil quando viu Leônidas uniformizado. Porque, à exceção dele e do goleiro Walter, Ademar Pimenta trocou todos os outros jogadores! O novo time era o branco, o "pesado", que havia treinado junto em Caxambu (com a simples adição de Leônidas). Comparado com a guerra que foi o primeiro jogo, o segundo foi bem mais tranqüilo. Não com aquela placidez de colégio de freiras, porque o zagueiro Nariz quebrou o braço e o tcheco Kopecky saiu carregado aos 30 minutos do segundo tempo. De resto, a torcida de Bordeaux apreciou uma boa partida. Os tchecos fizeram 1 gol no primeiro tempo, quando conseguiram controlar o ritmo da partida. Mas no segundo o Brasil voltou mais veloz e empatou aos 12 minutos, com o infalível Leônidas. Aos 15 minutos, um susto: num chute rasteiro de Senecky, Walter fez a defesa, mas a bola escapou de suas mãos e deu a impressão de ter entrado um palmo no gol brasileiro antes que ele pudesse puxá-la de volta. Mas o juiz francês não viu e o confronto continuou. Logo em seguida, Roberto, de voleio, fez o gol da vitória do Brasil. A grande figura da partida foi o meia Tim, que estreava na Copa. Encantado com sua visão de jogo, um jornal francês o chamou de Criador. O entusiasmo pela vitória foi tão grande que o ministro das Relações Exteriores, Gustavo Capanema, enviou um telegrama para a França cumprimentando os "invencíveis lutadores". A CBD, também por telegrama, chamou os atletas de "bravos legionários". E, já que a situação era bélica, o interventor do governo federal no estado do Rio, o comandante Amaral Peixoto, divulgou uma nota promovendo o autor do segundo gol brasileiro, Roberto, a subchefe da Polícia Especial de Niterói, corporação a que o jogador pertencia. No dia seguinte, enquanto esperavam o trem que os levaria a Marselha, alguns boleiros fascinaram os jornalistas europeus com um artístico show coletivo de embaixadinhas. Segundo os relatos, durante vários minutos uma bola foi sendo passada de pé em pé, sem tocar o chão. Algo nada incomum no Brasil, mas nunca visto na Europa. Eliminados os tchecos, vices em 1934, o Brasil encararia agora os campeões, os italianos. Para a imprensa, aquela era a final antecipada, porque nem Suécia nem Hungria eram páreo. Nos dois dias que antecederam o jogo, duas perguntas estavam na boca de todos. Que time Ademar Pimenta vai escalar, o que ganhou da Polônia ou o que venceu a Tchecoslováquia? E Leônidas vai jogar? A possibilidade de não poder contar com o grande atacante era preocupante, mas ele não estava fisicamente bem (era o único que tinha participado dos três jogos e o que mais tinha apanhado dos adversários). Mas isso se especulava por aqui.
Na véspera da semifinal Leônidas já sabia que não jogaria contra a Itália.

Faltaram os papéis

A participação de Leônidas na partida de desempate contra a Tchecoslováquia custou caro. Ele já não estava bem fisicamente e só entrou em campo porque Niginho – seu reserva imediato – não tinha condições legais de jogo. Niginho (o mineiro Oswaldo Dionizio Fantoni) havia sido contratado em 1933 pela Lazio de Roma junto ao Palestra Itália de Minas Gerais. Mas em 3 de outubro de 1935 a Itália invadiu a Etiópia e a ameaça da guerra fez com que Niginho decidisse retornar ao Brasil – com autorização da Lazio, que até pagou a passagem de navio. Aqui, Niginho, sem o consentimento formal do clube, foi jogar pelo Palestra Itália de São Paulo. No início de 1938 ele assinou com o Vasco e acabou convocado para a Seleção. Nem bem o Brasil desembarcou na França e a Itália informou à Fifa que a situação de Niginho era irregular – para jogar a Copa ele dependia de uma autorização por escrito da Lazio. O caso nem foi julgado pela Fifa, pois a Itália não fez um protesto oficial. Mas os dirigentes brasileiros preferiram não correr riscos e decidiram que Niginho não seria escalado. Leônidas foi para o sacrifício. Depois, numa carta de próprio punho à revista carioca *Sport Ilustrado*, ele escreveu: "Joguei esta partida porque Niginho não está com a situação regularizada. Porém, fui infeliz, me machuquei e não posso jogar amanhã contra a Itália". A declaração inocentava Ademar Pimenta. Mesmo assim, durante muito tempo o técnico foi acusado de ter, levianamente, "poupado Leônidas contra a Itália para resguardá-lo para a grande final".

Ouvido ligado

Na véspera da semifinal, centenas de telegramas chegaram à França desejando boa sorte ao Brasil. Um deles, com mais de 3 000 assinaturas. Brasil e Itália jogaram no dia de Corpus Christi - que, naquela época, não era feriado. Aparelhos de rádio foram instalados em repartições públicas para que os funcionários pudessem acompanhar a transmissão. Em São Paulo, mais de 1 000 pessoas foram à praça do Patriarca ouvir o jogo pelos alto-falantes da rádio Record.

A visão da imprensa

Da beira do campo, o locutor Gagliano Neto viu o lance e concordou que o pênalti tinha ocorrido (o que lhe rendeu imediatas acusações de "falta de patriotismo" e "oriundo" e um maldoso apelido-trocadilho: "Itagliano Nato"). No dia seguinte, o jornal francês *Sporting* reclamou não da marcação do pênalti, mas do absurdo da regra: "Não havia ameaça alguma ao gol brasileiro, mas o juiz, obedecendo à lei, ofereceu 1 gol aos italianos". O repórter do jornal *Diário de Pernambuco* classificou a atitude de Domingos de "infelicíssima". E relatou: "Sem explicação nenhuma, desferiu um violento pontapé em Piola na área perigosa".

Semifinais

ITÁLIA 2 x 1 BRASIL

Data: 16 de junho de 1938, quinta-feira
Horário: 18 horas
Estádio: Vélodrome, em Marselha
Público estimado: 33 000 pessoas
Gols: *Colaussi* (6), *Meazza* (pênalti, 15) e *Romeu* (42 do 2º)
Itália - *Olivieri, Foni e Rava; Serantoni, Andreolo e Locatelli; Biavati, Meazza, Piola, Ferrari e Colaussi.*
Técnico: Vittorio Pozzo
Brasil - *Walter, Domingos e Machado; Zezé Procópio, Martim e Affonsinho; Lopes, Luizinho, Romeu, Perácio e Patesko.*
Técnico: Ademar Pimenta
Juiz: Hans Wuthrich (Suíça)
Auxiliares: Beranek (Alemanha) e Marenco (França)

Derrota amarga

Quando o Brasil entrou em campo - sob um calor de 31 graus -, a torcida ficou surpresa. Além de Leônidas, Ademar Pimenta também não tinha escalado Tim - o melhor do segundo confronto contra os tchecos. E Romeu, meia, estava como centroavante. Nosso ataque nunca havia atuado junto. Apesar disso, o Brasil fez um ótimo primeiro tempo. Até o jornal italiano *Gazzetta Dello Sport* mencionou as tabelas rápidas e os dribles imprevisíveis que deliciaram o público. Mas também relatou que as duas defesas se comportaram melhor que os ataques. No segundo tempo fomos surpreendidos por 1 gol logo aos 6 minutos. Na primeira vez que Piola conseguiu se antecipar a Domingos da Guia, tocou na esquerda para Colaussi, que chutou forte e rasteiro, sem defesa para Walter. O Brasil partiu para o ataque e, 9 minutos depois, aconteceu o lance mais comentado da Copa (pelo menos aqui no Brasil): o pênalti de Domingos em Piola. A versão mais aceita (nos outros países) é que a Itália tinha ido ao ataque e a defesa brasileira rebatera a bola para o meio de campo. Nesse instante, fora do lance e dentro da área do Brasil, Domingos chutou Piola. O centroavante italiano vinha provocando o zagueiro desde o início e ele achou que aquele era um bom momento para dar o troco. Só que o juiz suíço viu e marcou. Em várias entrevistas nos anos seguintes Domingos nunca negou ter chutado Piola, mas sempre insistiu que a bola estava fora de campo. Foi o terceiro pênalti em quatro jogos cometido por Domingos (talvez o melhor e mais técnico zagueiro que o país já viu jogar). Meazza cobrou e fez 2 x 0. E proporcionou à torcida um lance hilariante: quando já estava preparado para bater, o cordão que segurava seu calção se rompeu. Não havia tempo para trocar e ele foi para a bola assim mesmo, meio desajeitado, segurando o calção com a mão direita. A Itália se retraiu e o Brasil só conseguiu 1 gol nos últimos minutos, marcado por Romeu numa bela jogada individual. Parecia que o sonho da Copa estava acabado, mas no dia seguinte os jornais brasileiros publicaram uma alentadora notícia. Por causa do "erro clamoroso" na marcação do pênalti, o Brasil estava pensando em abandonar o Mundial, o que teria levado a Fifa a estudar a anulação do jogo. De fato, foi feita uma reclamação formal após a partida, mas a esperança acabou logo: a Fifa nem considerou a possibilidade de anular qualquer coisa. E com a cabeça um pouco mais fria os cartolas decidiram aceitar a realidade e disputar o terceiro lugar. Dez dias depois uma cópia quase integral do jogo chegou ao Rio de Janeiro. E a revista *Sport Ilustrado*, que havia chamado a Fifa de "vetusta" e o juiz de "maquiavélico", mudou de idéia ao ver o filme. Segundo os editores, ele mostrava que a Itália tinha jogado melhor e que o Brasil tinha tido "um ataque inoperante e sem energia e uma linha média parada e pouco combativa, salvando-se apenas a defesa". Infelizmente, o lance do célebre pênalti não foi filmado.

HUNGRIA 5 x 1 SUÉCIA

Data: 16 de junho de 1938, quinta-feira
Horário: 18 horas
Estádio: Parc des Princes, em Paris
Público estimado: 20 155 pessoas
Gols: *Nyberg* (35 segundos), *Jacobsson* (contra, 19), *Titkos* (37) e *Zsengellér* (39 do 1º); *Sárosi* (20) e *Zsengellér* (40 do 2º)
Hungria – *Szabó, Korányi e Biró; Lázár, Turay e Szalay; Sas, Zsengellér, Sárosi, Toldi e Titkos.*
Técnicos: Károly Dietz e Alfred Schäffer
Suécia – *Abrahamsson, Eriksson e Källgren; Almgren, Jacobsson e Swantroem; Jonasson, Nyberg, Harry Andersson, Keller e Wetterstroem.*
Técnico: Josef Nagy
Juiz: Lucien Leclercq (França)
Auxiliares: Scarpi (Itália) e Van Moorsel (Holanda)

O atalho da Suécia

Todos os relatos da Copa de 1938 são unânimes: a Suécia pegou um belo atalho. Este era apenas seu segundo jogo no Mundial (o primeiro tinha sido contra a fraca Cuba). Assim, sem fazer força e mesmo sendo goleada pela Hungria, a Suécia ficou entre os quatro primeiros. E deu a impressão de que até poderia chegar à final quando, com apenas 35 segundos de jogo, abriu o placar. Mas daí em diante a Hungria botou as coisas no devido lugar. No segundo tempo a Suécia chegou tão pouco à área húngara que uma *alouette*, a tradicional andorinha francesa, pousou no travessão do gol de Szabó e ficou um tempão.

Disputa do 3º lugar

BRASIL 4 x 2 SUÉCIA
(1 x 1 no tempo normal)

Data: 19 de junho de 1938, domingo
Horário: 17 horas
Estádio: Parc Lescure, em Bordeaux
Público estimado: 12 500 pessoas
Gols: *Jonasson* (28), *Nyberg* (38) e *Romeu* (44 do 1º); *Leônidas* (18 e 29) e *Perácio* (35 do 2º)
Brasil – *Walter, Domingos e Machado; Zezé Procópio, Brandão e Affosinho; Roberto, Romeu, Leônidas, Perácio e Patesko.*
Técnico: Ademar Pimenta
Suécia – *Abrahamsson, Eriksson e Nilsson; Almgren, Linderholm e Swantroem; Ake Andersson, Jonasson, Nyberg, Harry Andersson e Persson.*
Técnico: Josef Nagy
Juiz: Jean Langenus (Bélgica)
Auxiliares: Valprede (França) e Olive (França)

Virada histórica

O Brasil conquistou o terceiro lugar com uma virada histórica: 4 x 2, depois de sair perdendo por 2 x 0. O que mais chamou a atenção da imprensa estrangeira foi o abismo entre o alto nível técnico dos jogadores brasileiros e a rudimentar disposição tática da nossa Seleção. Assim, a Suécia – uma equipe sem artistas, mas mais bem distribuída em campo – aproveitou-se e abriu a diferença. Um gol de Romeu no último minuto do primeiro tempo permitiu que o Brasil fosse para o vestiário com menos peso sobre os ombros. No segundo tempo a arte sobrepujou a técnica e o individualismo desmontou o conjunto. Leônidas, contrariando suas características, fez 1 gol num chute longo, de 30 metros. Em seguida, virou o placar. E Perácio selou a vitória a 10 minutos do fim. Provavelmente nossa Seleção foi a mais prejudicada pelas viagens em toda a história das Copas. Fez o primeiro jogo, contra a Polônia, em Estrasburgo. De lá, viajou 758 quilômetros até Bordeaux, para enfrentar a Tchecoslováquia. Seguiu até Marselha, a 503 quilômetros, para encarar a Itália. E, finalmente, voltou para Bordeaux (mais 503 quilômetros) para pegar a Suécia. Ao todo, 1 764 quilômetros e quase dois dias dentro de trens. Um verdadeiro absurdo, principalmente se comparado à situação da Itália. Mesmo sabendo que a Azzurra viajaria pouco, os dirigentes italianos (com a bênção de Benito Mussolini) já tinham engatilhado o aluguel de um avião para o caso de algum deslocamento longo e inesperado.

Da irritação ao orgulho

A derrota para a Itália provocou vários incidentes e tumultos no Brasil, exigindo a intervenção da polícia. Mas passada a raiva começou a nascer no país inteiro um sentimento de orgulho pelo bom desempenho da Seleção – que, afinal, tinha terminado a Copa na terceira colocação. E apenas 15 dias depois esse orgulho virou idolatria, no retorno dos jogadores ao país.

Final

Ainda no campo, os italianos se abraçam após a vitória: os bicampeões ganharam fácil da Hungria na grande final

ITÁLIA 4 x 2 HUNGRIA

Data: 19 de junho de 1938, domingo
Horário: 17 horas
Estádio: Olympique Colombes, em Paris
Público estimado: 45 124 pessoas
Gols: *Colaussi* (6), *Titkos* (8), *Piola* (16) e *Colaussi* (35 do 1º); *Sárosi* (15) e *Piola* (37 do 2º)
Itália – *Olivieri, Foni e Rava; Serantoni, Andreolo e Locatelli; Biavati, Meazza, Piola, Ferrari e Colaussi.*
Técnico: Vittorio Pozzo
Hungria – *Szabó, Polgar e Biró; Lázár, Szucs e Szalay; Sas, Zsengellér, Sárosi, Vince e Titkos.*
Técnicos: Károly Dietz e Alfred Schäffer
Juiz: Georges Capdeville (França)
Auxiliares: Krist (Tchecoslováquia) e Wuthrich (Suíça)

A Itália é bi, com justiça

A Azzurra chegou à final confiante. Contra a Hungria, sua adversária na decisão, a Itália tinha jogado quatro vezes nos quatro anos anteriores, com 3 vitórias e 1 empate. E, além de ter uma equipe melhor, os italianos contavam com um grande incentivador: Benito Mussolini. Ele já tinha ido pessoalmente se despedir dos atletas antes do embarque para a França (e estes, convenientemente, vestiam uniformes de marinheiros). Na véspera da decisão o técnico Vittorio Pozzo recebeu um telegrama assinado pelo secretário-geral do Partido Fascista, Achille Starace, com uma clara mensagem do ditador. Ela dizia apenas: "Vencer ou morrer". Sem pestanejar, os jogadores preferiram a primeira alternativa. Mas a ameaça nem era de fato necessária. Apesar de terem conseguido o empate apenas 2 minutos depois de sofrer o primeiro gol, em momento algum os húngaros deram a impressão de que esperavam algo melhor que o vice-campeonato. Nem o gol de Sárosi, aos 15 minutos do segundo tempo – quando a Itália já vencia por 3 x 1 – foi suficiente para fazer com que a Hungria se atirasse ao ataque.
A 8 minutos do fim do jogo Piola coroou sua brilhante atuação na Copa marcando o quarto gol italiano. Daí em diante os húngaros só ficaram esperando o tempo passar e o jogo acabar. A Itália, merecidamente, sagrou-se bicampeã mundial. Na volta à pátria, de trem, os campeões foram recebidos por Mussolini na sede do governo, o Palazzo Venezia, em Roma. Após os abraços e as saudações oficiais, cada um recebeu 8 000 liras pela conquista do título (o equivalente ao carro mais popular do país em 1938, um Fiat Topolino).

Ainda melhor que em 1934

Um mês e meio antes da Copa, o jornal *France Soir* disse que o Brasil era "um ponto de interrogação". E arriscou uma previsão: Itália e Hungria disputariam o título, com amplo favoritismo para a Itália. Foi um tiro na mosca. Bastante renovada, a Seleção Italiana de 1938 era ainda melhor que a de 1934 (só dois jogadores que enfrentaram a Hungria tinham atuado quatro anos antes: Meazza e Ferrari). A dupla de zaga, Foni e Rava, que havia sido promovida da equipe que conquistara o título olímpico de 1936, era mais jovem e mais segura. O médio central Andreollo era mais criativo que seu antecessor, o troglodita Monti. E o ataque tinha ficado mais ágil com a inclusão de Piola, um centroavante capaz de armar e concluir jogadas. Tanto que os jornalistas europeus, mesmo reconhecendo e incensando o soberbo talento de Leônidas, escalaram Piola na Seleção da Copa. Se Leônidas tivesse atuado contra a Itália, a história talvez tivesse sido outra. Mas não foi.

Tranqüilo e bom de papo

Georges Capdeville nasceu em Bordeaux em 1901. Tinha 37 quando apitou a final da Copa de 1938 e era tido como um árbitro tranqüilo, um dos primeiros a dialogar com os jogadores durante as partidas. É o único francês que dirigiu três finais da Copa da França (em 1936, 1942 e 1945). Na década de 70 emprestou seu nome a um complexo esportivo, recreativo e residencial em Soulac-sur-Mer, a 100 quilômetros de sua cidade natal. Lá, dirigiu uma escolinha de futebol até morrer, em 1984, quando tinha 83 anos.

Festa merecida: o capitão Meazza recebe a taça na tribuna e a Itália comemora o bicampeonato mundial

Os gols da final

ITÁLIA 1 x 0 – Logo aos 6 minutos a Itália fez 1 a 0. A bola veio da direita, pelo alto, e a defesa húngara não acompanhou o ponteiro Colaussi, que entrava livre pela meia esquerda. Sem deixar a bola cair ele acertou um chute de primeira, no canto direito de Szabó.
HUNGRIA 1 x 1 – Apenas 2 minutos depois os húngaros, que até ali não haviam feito nenhum ataque perigoso, conseguiram o empate. Numa bola levantada na área, Sas desviou de cabeça para trás e Titkos, pela esquerda, quase do bico da pequena área, chutou no alto do gol de Olivieri.
ITÁLIA 2 x 1 – Aos 16 minutos veio o desempate num gol sincronizado, o mais bonito do jogo. Os italianos fizeram a bola rolar dentro da área húngara sem que a defesa conseguisse interceptá-la. Começou com Colaussi, na esquerda, foi a Piola, no centro, que tocou para Ferrari. Mesmo com o gol à sua frente, Ferrari tocou para Meazza, na direita. Meazza ainda driblou seu marcador e serviu Piola, na marca do pênalti, que chutou no ângulo esquerdo de Szabó.
ITÁLIA 3 x 1 – Colaussi aumentou a vantagem italiana aos 35 minutos do primeiro tempo após receber um lançamento de Meazza e correr 30 metros acompanhado pelo húngaro Polgar. O goleiro Szabó não saiu do gol e o atacante, quase da risca da pequena área, chutou rasteiro, no canto esquerdo.
ITÁLIA 3 x 2 – No segundo tempo, a Hungria ainda diminuiu. Num rápido contra-ataque, aos 15 minutos, Sárosi apareceu de surpresa na frente do goleiro Oliveiri, num cruzamento da ponta direita, e chutou no canto esquerdo.
ITÁLIA 4 x 2 – A Itália continuou dominando facilmente o jogo, enquanto os húngaros se defendiam, dando a impressão de que o vice-campeonato já estava de bom tamanho para eles. Aos 37 minutos do segundo tempo Piola fechou o placar. Biavati, lançado pela direita, cruzou para trás. Piola apareceu no meio da área e chutou meio prensado, no cantinho direito de Szabó.

Números

ARTILHEIRO
O brasileiro Leônidas da Silva terminou a Copa como artilheiro, com 7 gols em 3 jogos. Todos os jornais da época registram esse número (3 contra a Polônia, 2 contra a Tchecoslováquia e 2 contra a Suécia). Em algum momento da década de 1940 começou a circular no Brasil a versão de que ele teria marcado 8 no total (4 contra a Polônia). Mas o próprio Leônidas sempre afirmou que havia feito 3 gols naquele jogo. Os vice-artilheiros foram Piola (Itália), Sárosi e Zsengellér (Hungria), com 5 gols cada um. No total, foram 84 gols em 18 jogos, média de 4,7 por partida.

VIOLÊNCIA
Nas duas primeiras Copas do Mundo haviam sido registradas apenas duas expulsões, uma em cada torneio. Em 1938 foram quatro os expulsos. O sistema WM privilegiava os atletas mais esforçados do que técnicos, o que redundou em mais faltas e mais expulsões.

PÚBLICO
O público total foi de 365 000 torcedores, o equivalente a 72% da capacidade máxima dos estádios. Só dois jogos lotaram: Itália x França, nas quartas, e a final (Itália x Hungria). O menor público foi o de Cuba x Romênia – 6 707 espectadores, apenas 30% da capacidade do estádio Chapou. Mais uma vez (a exemplo do que já ocorrera no Uruguai e na Itália), o resultado financeiro do Mundial cobriu todos os investimentos e despesas e deu um lucro razoável para os organizadores.

Os campeões

Só dois dos que disputaram a final contra a Hungria haviam conquistado o título mundial em 1934. Com um time renovado e confiante, a Azzurra consolidou sua liderança no futebol

»Aldo Olivieri, *27 anos* (2 de outubro de 1910), do Lucchese. Natural de San Michele Extra, na província de Verona, jogou 24 vezes como goleiro da Azzurra. Começou em 1930 no Verona e em 1933 foi para o Padova. Na oitava partida, num choque com um atacante, sofreu fratura do crânio e ficou um ano afastado. Contrariando ordens médicas de abandonar o futebol, decidiu retornar aos campos pelo pequeno Lucchese, da série B italiana. Mesmo assim, foi convocado para a Seleção de 1938 e venceu a disputa pela posição com Ceseroli, do Bologna, e Masetti, da Roma. Depois da Copa, Olivieri foi contratado pelo Torino e encerrou a carreira no Brescia, em 1943. Em sua homenagem, o campo do Verona foi batizado de *Stadio Comunale Aldo Olivieri*. Morreu aos 90 anos, em 5 de abril de 2001.

»Alfredo Foni, *27 anos* (21 de janeiro de 1911), da Juventus de Turim. Nascido em Udine, formou com Rava, seu companheiro na Juventus, uma sólida dupla de defesa nos Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim. A atuação convincente garantiu a promoção imediata de ambos a titulares da Seleção principal. Após iniciar a carreira na Udinese, Foni passou rapidamente pela Roma e pelo Padova e em 1934 foi contratado pela Juventus. Até 1947 disputou 304 jogos pela equipe de Turim, mas só ganhou um *scudetto*, o de 1934/1935. Após encerrar a carreira tornou-se técnico. Morreu em 1985, aos 74 anos.

»Pietro Rava, *22 anos* (21 de janeiro de 1916), da Juventus. Nasceu em Cassine e começou a jogar no pequeno Alessandria, mas se transferiu para a Juventus em 1935. E lá ficou por 15 anos, até 1950. Mas só conseguiu vencer um Campeonato Italiano, exatamente o último, em 1949/1950. Apesar disso, é o único jogador a possuir os títulos mundial, olímpico, italiano e da Copa da Itália. Encerrou a carreira em 1952, disputando a série B pelo Novara. Em 2005 era o último dos campeões mundiais de 1938 ainda vivo.

»Pietro Serantoni, *31 anos* (11 de dezembro de 1906), da Roma. O centromédio era o mais velho dos 11 jogadores titulares. Natural de Veneza, estreou no Venezia e se transferiu para a Ambrosiana-Inter em 1929. Em 1934 foi para a Juventus e em 1936 para a Roma. Jogou 17 partidas pela Azzurra e seu forte era o fôlego, que parecia interminável e compensava sua falta de competência técnica. Foi o primeiro dos campeões a falecer, em 1964.

»Michele Andreolo, *25 anos* (6 de setembro de 1912), do Bologna. Miguel Angel Andreolo era uruguaio, nascido na cidade de Dolores. Pelo Nacional, foi campeão no Uruguai em 1932 e 1934. No arrastão feito pelos clubes italianos na América do Sul, na primeira metade da década de 30, foi levado para o Bologna em 1935. Conquistou quatro títulos italianos entre 1936 e 1941. Embora tenha construído uma carreira bem-sucedida e ganho muito dinheiro, morreu esquecido e na miséria, em 1981, aos 69 anos, em Potenza.

»Ugo Locatelli, *22 anos*, (5 de fevereiro de 1916), da Ambrosiana-Inter de Milão. Era o mais jovem dos jogadores italianos na conquista do Mundial de 1938. Nasceu em Toscolano Maderno e iniciou a carreira no Brescia. Em 1936 foi para a Ambrosiana-Inter, pela qual venceu os Campeonatos Italianos de 1937/1938 e 1939/1940. Jogou 22 vezes pela Azzurra e foi também campeão olímpico em 1936. Transferiu-se para a Juventus em 1941 e ficou até 1949, quando um eletrocardiograma revelou que uma anomalia em seu coração não mais lhe permitiria continuar suportando os rigores do futebol profissional.

»Amedeo Biavati, *23 anos* (4 de abril de 1915), do Bologna. Natural de Bolonha, era uma ponta-direita driblador e cheio de confiança. Começou no time da cidade em 1932, aos 17 anos. Em 1934 foi emprestado para o

Catania, mas retornou em 1935 e ficou no Bologna até o fim de sua carreira, em 1948. Foi quatro vezes campeão italiano. Pela Seleção, jogou de 1938 até 1947, participando de 18 partidas e marcando 8 gols. Morreu em abril de 1979, aos 64 anos.

»Giuseppe Meazza, *27 anos* (23 de agosto de 1910), da Ambrosiana-Inter. Um dos dois únicos bicampeões italianos (o outro é Ferrari), Meazza é a cara de Milão. Nasceu na cidade, jogou 13 anos na Ambrosiana-Inter, de 1927 até 1940, e mais dois anos no rival Milan. Em sua homenagem, o San Siro foi rebatizado de estádio Giuseppe Meazza em 1979. Já em sua temporada de estréia, na série A do primeiro Campeonato Italiano, em 1929/1930, o meia foi o artilheiro da competição, com 31 gols marcados (um recorde para estreantes que permanece até hoje). Apesar de sua longevidade, foi campeão nacional apenas três vezes – todas pela Inter. Jogou ainda um ano na Juventus e outro no Atalanta antes de voltar a Milão para encerrar a carreira na Inter, em 1947. Pela Seleção, atuou 53 vezes e marcou 33 gols (é o segundo maior artilheiro da história da Azzurra, perdendo apenas para Luigi Riva, que marcou 35 nos anos 60 e 70). Morreu em outubro de 1979, aos 69 anos.

»Silvio Piola, *24 anos* (29 de setembro de 1913), da Lazio. Era um jogador tão brilhante quanto irritante – suas provocações fizeram com que Domingos da Guia o atingisse sem bola no fatídico pênalti que tirou a Seleção Brasileira da Copa da França. Nascido na cidadezinha de Robbio Lomellina, Piola começou a carreira no Pro Vercelle, equipe de prestígio na Itália nas primeiras décadas do século 20. Em 1934, segundo as lendas, Piola foi "convencido" a se transferir para a Lazio de Roma por membros do Partido Fascista. Em 1943, convocado para a guerra, foi dado como morto e uma missa chegou a ser rezada em sua homenagem. Mas poucas semanas depois, ele reapareceu vivo e lépido. Da Lazio foi para Torino, Juventus e Novara. Encerrou a carreira em 1954, tendo disputado, só no Campeonato Italiano, 565 jogos e marcado 395 gols. Mesmo assim, saiu de cena com uma mágoa: jamais foi campeão nacional. Pela Seleção, jogou 17 anos seguidos, de 1935 a 1952, vestindo 34 vezes a malha *azzurra* e fazendo 30 gols. Piola morreu no dia 4 de outubro de 1996, aos 83 anos.

»Giovanni Ferrari, *30 anos* (6 de dezembro de 1907), da Ambrosiana-Inter. Nascido em Alessandria, começou jogando no time da cidade e foi para a Juventus em 1930. Estatisticamente, foi um vencedor incrível. É um dos quatro atletas que detêm o recorde de oito títulos italianos. Ferrari foi campeão pela Juventus (5 vezes), Ambrosiana-Inter (2) e Torino (1). E só ele e Meazza foram titulares e bicampeões mundiais de futebol pela Itália. Ferrari marcou 14 gols em 44 jogos pela Azzurra – e com ele em campo a Itália dificilmente perdia: foram 32 vitórias e apenas 3 derrotas. Morreu em 1982, quatro dias antes de completar 75 anos.

DE OLHO NA TAÇA

Vaias para o capitão

Quinze minutos depois que o juiz encerrou a final, o capitão italiano, Meazza, dirigiu-se às tribunas do estádio Olympique Colombes para receber a taça das mãos do presidente da França, Albert Lebrun. Meazza não se intimidou e fez a saudação fascista, antes e depois da entrega do troféu, revoltando boa parte da torcida presente. Foi a única vez que o capitão da equipe campeã foi vaiado pelo público ao receber a taça.

»Gino Colaussi, *24 anos* (4 de março de 1914), da Triestina. Seu verdadeiro sobrenome era Colausig, pois nasceu em Gradisca, na província de Gorizia, região do Império Austro-Húngaro que hoje é parte da Eslovênia. Estreou no Triestina, da vizinha cidade italiana de Trieste, estreando na série A aos 16 anos de idade. Em 1934, quando se naturalizou, teve o nome italianado para Colaussi. O único grande clube de sua carreira foi a Juventus, que defendeu de 1940 a 1942. Em seguida, fez uma temporada pelo Vicenza e encerrou a carreira em 1946, na mesma Triestina em que havia começado. Jogou 26 partidas pela Seleção, marcando 14 gols. Morreu em Trieste, no dia de Natal de 1991, quando tinha 77 anos.

»Vittorio Pozzo, *52 anos* (2 de março de 1886). Ironicamente, apesar de ter tido uma carreira extremamente bem-sucedida como técnico, que incluiu um bicampeonato mundial e um título olímpico, Pozzo perdeu o primeiro jogo de sua carreira de treinador da Azzurra (para a Finlândia, por 3 x 2, em 1924) e também o último (para a Dinamarca, por 5 x 3, em 1948). Depois de se despedir da Seleção Italiana continuou a ser jornalista do *La Stampa*, função que exercia desde 1927. Em seus últimos anos de vida foi se tornando cada vez mais solitário e arredio, principalmente porque, para a geração dos jovens nascidos após a Segunda Guerra Mundial, sua imagem de vencedor começou a ser ofuscada por suas convicções políticas de extrema direita. Pozzo morreu em 21 de dezembro de 1968, aos 82 anos. Em 1979, o estádio San Siro foi rebatizado como Giuseppe Meazza, em honra ao grande jogador. Mas 22 anos após a morte de Pozzo, sua cidade natal, Turim, recusou uma proposta de dar o nome do velho treinador ao novo estádio local, construído especialmente para a Copa do Mundo de 1990. E o lugar foi batizado de Delle Alpi.

Apoteose na volta

A Seleção chegou de volta ao Brasil e teve uma recepção frenética dos torcedores. Mas logo voltaram os maus resultados e todos começaram a se perguntar qual era o problema que assolava o nosso futebol

A chegada da Seleção ao Rio de Janeiro, depois do terceiro lugar conquistado na Copa do Mundo de 1938, foi "apoteótica", segundo o cronista Thomas Mazzoni, de *A Gazeta Esportiva*. Antes disso, o navio Almanzora já havia feito escalas no Recife e em Salvador e a recepção tinha sido igualmente frenética. Na Bahia um fã mais entusiasmado conseguiu até tirar o sapato de Leônidas e levá-lo como suvenir. No Rio, às 15h30 de 2 de julho, o Almanzora iniciou as manobras para atracar no porto e a polícia teve dificuldades para manter o cordão de isolamento que impedia os torcedores de se aproximarem do cais.

Em seguida os jogadores desfilaram em carros abertos pela avenida Rio Branco. Leônidas, o mais assediado, precisou ser conduzido num veículo de transporte de soldados do Corpo de Fuzileiros Navais, fortemente protegido por uma brigada inteira de militares. Mesmo assim o cortejo não se movia e "a polícia teve de empregar meios enérgicos para romper a massa", segundo relatou na época o jornal *O Estado de S. Paulo*. A alegria era tanta que ninguém se preocupou em apontar possíveis culpados – até o pusilânime técnico Ademar Pimenta foi aplaudido e carregado pela multidão.

Na primeira vez que entrou em campo depois da Copa do Mundo, em janeiro de 1939, o Brasil disputou uma nova edição da Copa Roca contra a Argentina. Os argentinos viviam repetindo que o relativo sucesso brasileiro na França só tinha sido possível porque os uruguaios e principalmente eles, os argentinos, não tinham viajado à Europa para participar o Mundial. Como a Copa Roca seria disputada no Brasil, aquela era uma chance imperdível para exorcizar o fantasma portenho. Mas no primeiro jogo (em São Januário, no Rio, no dia 15 de janeiro) aconteceu um desastre: a Argentina ganhou por 5 x 1. O Brasil venceu o segundo confronto (por 3 x 2), mas a vantagem no saldo de gols permitiu aos vizinhos levar o troféu para Buenos Aires e continuar tripudiando.

Alegria na volta: os craques brasileiros, como Domingos, foram recebidos como heróis

O ano de 1940 também reservou poucas alegrias para o torcedor brasileiro. De bom, apenas uma vitória sobre a Argentina, em Buenos Aires, por 3 x 2. De ruim, uma derrota

Pura provocação: no Rio, a Argentina bateu o Brasil e continuou tripudiando da qualidade do nosso futebol

em casa para o Uruguai (3 x 4, em São Januário) e a perda da Taça Rio Branco. Mas o pior foram as três doloridas derrotas para a Argentina (uma no Parque Antarctica, em São Paulo, por 3 x 0, e duas em Buenos Aires, por 6 x 1 e 5 x 1).

Complexo de inferioridade

Esse predomínio do futebol argentino gerou até uma polêmica gramatical. No início do século 20 os puristas criticavam os jornais brasileiros pelo exagero no uso de palavras de origem inglesa (gol, beque, córner, golquiper, pênalti, offside) nos textos sobre o esporte. Em 1906 o filólogo carioca Antônio de Castro Lopes chegou a propor a adoção do nome ludopédio em substituição a futebol, para "ceifar os estrangeirismos". No fim da década de 1930 as vítimas dos gramáticos brasileiros passaram a ser os **locutores de rádio**.

Confira algumas das expressões importadas da Argentina pelos locutores de rádio: "recolher a pelota", "armar" o jogo, "desarmar" o adversário, "servir" um companheiro, "cobrar" uma falta, "despejar" a bola, "a cancha", em vez de "o campo", mais os aumentativos em "aço", como "golaço" ou "pelotaço". Dá para imaginar que todas elas já foram consideradas mau exemplo?

Encantados com o futebol da Argentina, eles passaram a importar expressões futebolísticas usadas por lá. Muitos desses termos, ingleses ou argentinos, sobrevivem até hoje, incorporados à linguagem do esporte. Mas em 1940 os "argentinismos" foram classificados como "exemplo de nosso complexo de inferioridade futebolístico".

Mais que as palavras, porém, os maus resultados pós-Copa de 1938 é que provocaram um longo período de discussões no Brasil. Afinal, se tínhamos jogadores talentosos e reconhecidos no mundo inteiro, qual era o problema? Falta de atualização tática? Falhas na organização? Dirigentes incompetentes? Tudo isso ao mesmo tempo? Enquanto filosofava, o Brasil deixou passar também a chance de ganhar uma valiosa experiência internacional.

Capitalizando o sucesso obtido na França, a Seleção certamente seria bem-vinda nos gramados europeus após o fim da Segunda Guerra, em 1945. Mas, nos cinco anos seguintes, nosso time continuou enfrentando apenas os vizinhos da América do Sul. Depois do embate contra a Suécia em 1938, na disputa pelo terceiro lugar da Copa, o Brasil só voltou a entrar em campo contra um país da Europa (a Suíça) em 1950 – e aqui mesmo no Rio de Janeiro. O jogo seguinte em solo europeu só ocorreria 16 anos mais tarde, em 1954, contra a Iugoslávia, no Mundial organizado pelos suíços. É, ainda estávamos longe de nos tornar uma potência do futebol.

DOMINGOS DA GUIA

Categoria na defesa

Zagueiro extremamente técnico – os mais entusiasmados diziam que ele era capaz de num cruzamento para a área, "matar" a bola na testa e sair jogando –, Domingos da Guia nasceu no subúrbio de Bangu, no Rio de Janeiro, em 19 de novembro de 1912. Começou no Bangu em 1928 e foi convocado pela primeira vez para a Seleção aos 19 anos, quando trabalhava como mata-mosquitos. Assinou com o Vasco da Gama em 1932, mas em 1933 foi atraído pelo já profissionalizado futebol do Uruguai e passou a defender o Nacional. Foi campeão uruguaio em 1933 e carioca, pelo Vasco, em 1934. No ano seguinte, fechou contrato com o Boca Juniors e sagrou-se campeão argentino – num caso raro de um tricampeão em três países diferentes. Em 1936 deixou Buenos Aires para atuar pelo Flamengo. Ficou até 1943, ganhando os títulos cariocas de 1939, 1942 e 1943. Em 1944 transferiu-se para o Corinthians e em 1947 voltou ao Bangu de origem, para encerrar a carreira. Morreu em 18 de maio de 2000, aos 87 anos.

TIM

O grande estrategista

Elba de Pádua Lima nasceu em 20 de fevereiro de 1915 no então distrito de Rifaina, perto de Ribeirão Preto (interior de São Paulo). Estreou aos 16 anos no Botafogo local e em 1934 se transferiu para a Portuguesa Santista. Aos 19 anos, em 1935, foi convocado para a Seleção Paulista e conquistou o Campeonato Brasileiro. No ano seguinte integrou a Seleção Brasileira que disputou o Sul-Americano em Buenos Aires. O Brasil perdeu a final para a Argentina num jogo em clima de guerra, mas Tim ganhou dos jornalistas portenhos o apelido de *El Peón*, por sua fantástica visão de jogo. De volta ao país, aos 21 anos, foi para o Fluminense, clube pelo qual se sagrou campeão carioca em 1938, 1940, 1941 e 1946. Em 1949 transferiu-se para o Olaria e um ano mais tarde encerrou a carreira no futebol colombiano. Tornou-se técnico e, pelos 25 anos seguintes, foi reconhecido como um grande estrategista também fora do campo, como já tinha sido dentro dele. Morreu no Rio, em 7 de julho de 1984, aos 69 anos.

ROMEU

Precisão milimétrica

Segundo dizia Tim, "Romeu passava meses sem errar um passe". Romeu Pelliciari nasceu em Jundiaí (SP) em 26 de março de 1911, filho de imigrantes italianos. Aos 18 anos, jogava sem muita pretensão no São João de sua cidade natal e trabalhava na fábrica de móveis da família. Aí, por insistência de Bertolini, ex-jogador do Palestra Itália e também jundiaiense, concordou em ir a São Paulo para um teste no Palestra. Contratado imediatamente, sagrou-se tricampeão paulista (1932 a 1934). Em 1935 foi para o Fluminense a peso de ouro e conquistou cinco títulos cariocas entre 1936 e 1941 (só não venceu o de 1939). Em 1942 voltou para o Palestra, mas já perdendo a luta contra o excesso de peso, que o acompanhava desde a juventude. Em 1943, aos 32 anos, encerrou a carreira no Comercial paulistano. E abriu a célebre Cantina do Romeu, ponto de encontro de futebolistas da velha guarda até a morte de seu fundador, em 1971, aos 60 anos.

LEÔNIDAS DA SILVA

Diamante negro

Além de ter sido o artilheiro da Copa da França, Leônidas foi o brasileiro que mais se valorizou com ela. No Brasil, virou uma espécie de semideus, numa idolatria que durou 15 anos. Tanto que, em agosto de 1938, a Lacta lançou a barra de chocolate Diamante Negro, aproveitando a euforia popular. Embora tivesse esse apelido – dado pelos uruguaios do Peñarol em 1932 –, o craque não tinha a propriedade legal do nome. Mesmo tendo recebido 20 contos de réis para ser o garoto-propaganda da marca na época do lançamento, ele não teve participação nos altos lucros que a Lacta teve com as vendas do chocolate nas décadas seguintes (essa história abriu os olhos de Pelé, que sabiamente transformou seu apelido em marca registrada quando tinha apenas 20 anos de idade). Leônidas da Silva nasceu no Rio de Janeiro em 6 de setembro de 1913. Jogou 37 vezes pela Seleção e marcou 37 gols. Foi ele quem inventou – ou no mínimo aperfeiçoou – a bicicleta, a jogada de maior malabarismo do futebol. Luiz Mendes, locutor, comentarista e jornalista de *O Globo*, conta que a jogada já existia antes dele – os brasileiros a chamavam de puxeta e os argentinos, de *chilena*. A diferença é que Leônidas começou a executá-la com o corpo a mais de 1,5 metro do chão e na posição horizontal, coisa que ninguém havia feito antes. Ainda segundo Mendes, foi o locutor Gagliano Neto quem apelidou a jogada de bicicleta. Leônidas começou a carreira no Bonsucesso e em 1933 foi para o Peñarol. Voltou ao Brasil para jogar pelo Vasco, mas em 1934 já estava no Botafogo. De 1936 a 1942 atuou pelo Flamengo, pelo qual conquistou o título carioca de 1939. Em 1942 assinou com o São Paulo, contratado por uma fortuna – 200 contos de réis. Mas justificou cada centavo, sendo campeão paulista cinco vezes em oito anos (1943, 1945, 1946, 1948 e 1949). Seu jogo de estréia, em 24 de maio de 1942 (empate em 3 x 3 com o Corinthians) detém até hoje o recorde de público do Pacaembu: 70 281 pagantes. Leônidas encerrou a carreira em 1951, aos 37 anos. Após aposentar-se tornou-se funcionário público da Secretaria do Trabalho paulistana e comentarista da rádio Jovem Pan. O craque morreu numa clínica em Cotia , na Grande São Paulo em 24 de janeiro de 2004, aos 90 anos.

PERÁCIO

Ingênuo e bem-humorado

Mineiro de Nova Lima, José Perácio Berjum nasceu em 2 de novembro de 1917 e tinha três características marcantes: um chute fortíssimo, um bom humor inabalável e uma ingenuidade quase infantil. Não por acaso muitas anedotas contadas sobre ele foram mais tarde transferidas para Garrincha, outro ingênuo bem-humorado. Começou no Vila Nova, sagrando-se tricampeão mineiro (1933 a 1935). Depois de uma passagem rápida pelo Palestra Itália transferiu-se para o Fluminense em 1936. Mas no fim do ano seguinte já estava no Botafogo. Em 1941 foi para o Flamengo e ganhou o tricampeonato de 1942 a 1944. Em 1945, aos 27 anos, foi convocado para lutar na guerra – tornando-se um dos raríssimos jogadores profissionais enviado à Europa como pracinha. Na volta, atuou de novo pelo Flamengo (até 1949) e encerrou a carreira no Canto do Rio, em 1951. Perácio morreu aos 59 anos, em 10 de março de 1977.